



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA**

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) “A LUZ DA  
FILOSOFIA DA PRÁTICA” : CAMINHOS PARA AUTONOMIA**

**ALBINA MARTINEZ SEHN**

Foz do Iguaçu  
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA**

## **A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) “A LUZ DA FILOSOFIA DA PRÁXIS” : CAMINHOS PARA AUTONOMIA**

**ALBINA MARTINEZ SEHN**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Latino-Americano  
De Economia, Sociedade e Política da  
Universidade Federal da Integração Latino-  
Americana, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciada em Filosofia

Orientadora: Profa. Dra. Catarina Costa  
Fernandes

Co-orientadora: Profa. Dra. Idete Teles dos  
Santos

Foz do Iguaçu  
2024

**ALBINA MARTINEZ SEHN**

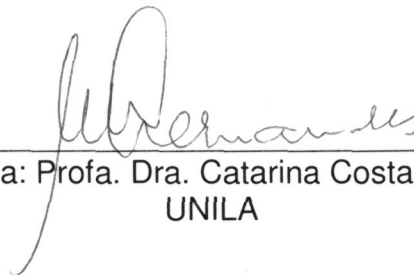
**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) “A LUZ DA  
FILOSOFIA DA PRÁXIS”: CAMINHOS PARA AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano De  
Economia, Sociedade e Políticada Universidade Federal da Integração Latino-  
Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia

Orientadora: Profa. Dra. Catarina Costa Fernandes

Co-orientadora: Profa. Dra. Idete Teles dos Santos

**BANCA EXAMINADORA**



Orientadora: Profa. Dra. Catarina Costa Fernandes  
UNILA



Prof. Dra. Maria Luz Herrera Mejías



Prof. Dra. Maria Victoria Gonzalez Pena

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de.....

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Albina Martinez Sehn

Curso: Filosofia Licenciatura

Tipo de Documento

- |   |  |
|---|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> graduação | <input type="checkbox"/> artigo                                    |
| <input type="checkbox"/> especialização       | <input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso |
| <input type="checkbox"/> mestrado             | <input type="checkbox"/> monografia                                |
| <input type="checkbox"/> doutorado            | <input type="checkbox"/> dissertação                               |
|   | <input type="checkbox"/> tese                                      |
|   | <input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais               |
|   | <input type="checkbox"/> _____                                     |

Título do trabalho acadêmico: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) a Luz DA Filosofia da Práxis: Caminhos para autonomia

Nome da orientadora: Profa. Dra. Catarina Costa Fernandes

Data da Defesa: 01 / 10 / 2024

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):


a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública Creative Commons **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

  
Assinatura do Responsável

## DEDICATÓRIA

Dedico esta obra à minha mãe, in memoriam, Maria Dominga Martinez, uma grande mulher lutadora, ou como dizem em guarani, kuña mbarete e kuña guapa. Além dela, também agradeço à minha família: meus irmãos, minhas irmãs, meus sobrinhos, meus netos, minhas noras, Karina e Sandra, meu genro, Roberto, e meu esposo, Wanderlei. Também dedico principalmente aos meus filhos, Solon, Sarah e Stevan.

Espero que algum dia meus filhos entendam que eu também estava aprendendo ao longo do caminho, experimentando coisas novas e sentimentos novos, enquanto eu dava o melhor de mim, apesar das circunstâncias adversas. Eu não tinha todas as respostas, mas tentei dar tudo que tinha e sabia que nem sempre fiz as melhores escolhas, pois também estava aprendendo com a vida e, às vezes, estava muito exausta. Mas, mesmo assim, acho que consegui realizar algumas coisas, e por isso sou eternamente grata.

.

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão a todos os meus professores do Colégio CEEBJA Prof. Orides Balotin Guerra, que me acolheram com muita empatia e paciência. A lista para citá-los é grande, mas posso mencionar a Professora Margarete Terezinha Acunha Linhares, a equipe de direção e o diretor Sidinei Melquiades, que fez minha inscrição para o ENEM. Também agradeço ao professor Aristóteles, in memoriam. Que coincidência este professor ter sido meu mentor. Lembro-me das nossas discussões em classe sobre a filosofia da história da ditadura militar na América Latina e seu contexto em Foz do Iguaçu.

Meu caro mestre dizia: "Guria, você tem que estudar e ensinar história. Você sabe muita coisa, e tenho certeza de que estará na UNILA." Foram tantos mestres superqualificados para esta modalidade de ensino adaptada para a educação do trabalhador, para a dona de casa, jovens e adultos. Também tenho que agradecer aos meus professores do ensino superior, que foram meus mestres ao longo de cinco anos na UNILA, uma lista de professores que me forneceram conhecimento e experiências inimagináveis .

## RESUMO

SEHN, Albina Martinez . **A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) “A LUZ DA FILOSOFIA DA PRÁXIS”**: CAMINHOS PARA AUTONOMIA. 64 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Filosofia Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024.

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória educacional da autora, desde sua experiência na Educação de Jovens e Adultos (EJA) até a sua formação em Filosofia na UNILA, utilizando a metodologia autobiográfica. A pesquisa explora como as vivências pessoais e profissionais contribuíram para a construção da identidade docente e a compreensão crítica do papel da educação na sociedade. Além disso, o trabalho discute a importância da filosofia da práxis e da autonomia no processo educativo, ressaltando que a construção da autonomia é um processo contínuo e coletivo, que exige reflexão crítica sobre as contradições sociais. Os desafios enfrentados na implementação de uma educação autônoma e crítica são destacados, incluindo a necessidade de políticas públicas que valorizem a formação docente e garantam condições adequadas de trabalho. Os resultados indicam que a trajetória da autora evidencia a EJA como um espaço de transformação social e a filosofia da práxis como uma ferramenta fundamental para promover a autonomia e a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento. Conclui-se que a autoformação, mediada pela narrativa autobiográfica, e a adoção da filosofia da práxis são essenciais para a construção de uma prática pedagógica crítica e transformadora, para além disso constrói a individualidade do ser em sua essência.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Filosofia da Práxis; Autonomia; Autobiografia.

## RESUMEN

SEHN, Albina Martinez. **LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (EJA) “A LA LUZ DE LA FILOSOFÍA DE LA PRÁCTICA”**: CAMINOS HACIA LA AUTONOMÍA. 64 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Filosofia Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024.

Este trabajo tiene como objetivo analizar la trayectoria educativa de la autora, desde su experiencia en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) hasta su formación en Filosofía en la UNILA, utilizando la metodología autobiográfica. La investigación explora cómo las vivencias personales y profesionales contribuyeron a la construcción de la identidad docente y a la comprensión crítica del papel de la educación en la sociedad. Además, el trabajo discute la importancia de la filosofía de la praxis y de la autonomía en el proceso educativo, resaltando que la construcción de la autonomía es un proceso continuo y colectivo que exige una reflexión crítica sobre las contradicciones sociales. Se destacan los desafíos enfrentados en la implementación de una educación autónoma y crítica, incluyendo la necesidad de políticas públicas que valoren la formación docente y garanticen condiciones adecuadas de trabajo. Los resultados indican que la trayectoria de la autora evidencia a la EJA como un espacio de transformación social y a la filosofía de la praxis como una herramienta fundamental para promover la autonomía y la participación activa de los sujetos en la construcción del conocimiento. Se concluye que la autoformación, mediada por narrativas autobiográficas, y la adopción de la filosofía de la praxis son esenciales para la construcción de una práctica pedagógica crítica y transformadora.

**Palabras clave:** Educación de Jóvenes y Adultos; Filosofía de la Praxis; Autonomía; Autobiografía.

## ABSTRACT

SEHN, Albina Martinez. ***THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE AND ADULTS (EJA) "IN THE LIGHT OF THE PHILOSOPHY OF PRACTICE": PATHS TO AUTONOMY.*** 64 pages. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Filosofia Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024.

This study aims to analyze the author's educational journey, from her experience in Adult and Youth Education (EJA) to her training in Philosophy at UNILA, using an autobiographical methodology. The research explores how personal and professional experiences contributed to the construction of a teaching identity and a critical understanding of the role of education in society. Additionally, the work discusses the importance of the philosophy of praxis and autonomy in the educational process, emphasizing that the construction of autonomy is a continuous and collective process that requires critical reflection on social contradictions. The challenges faced in implementing autonomous and critical education are highlighted, including the need for public policies that value teacher training and ensure adequate working conditions. The results indicate that the author's journey highlights EJA as a space for social transformation and the philosophy of praxis as a fundamental tool to promote autonomy and active participation of individuals in the construction of knowledge. It is concluded that self-formation, mediated by autobiographical narratives, and the adoption of the philosophy of praxis are essential for the construction of a critical and transformative pedagogical practice.

**Keywords:** Adult and Youth Education; Philosophy of Praxis; Autonomy; Autobiography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Material didático utilizado pelo Programa do Mobral.....	21
Figura 2: Paulo Freire . Patrono da Educação Brasileira .....	22
Figura 3: O método de alfabetização de Paulo Freire para Jovens e Adultos.....	25
Figura 4: Mapa mental do livro Pedagogia da Autonomia.....	35
Figura 5: Algumas reportagens sobre o fechamento das EJA´s no Brasil .....	37
Figura 6: Meu casamento.....	42
Figura 7: Minha família.....	43
Figura 8: Uma jovem estudante .....	45
Figura 9: Minhas professoras e meu diretor do CEEBJA .....	48
Figura 10: O sonho realizado .....	49
Figura 11: Eu Professora .....	51
Figura 12: Professora Dayane me presenteou com uma caixa de giz e um apagador, me senti professora.....	53
Figura 13: CAFIL.....	54
Figura 14: O girassol.....	55
Figura 15: Meus Filhos do coração .....	55
Figura 16: Sou professora.....	56
Figura 17: Colégio CEEBJA, onde estudei e atualmente sou professora .....	57

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNE - Conselho Nacional de Educação

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

EJA - Educação de Jovens e Adultos

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

MEC - Ministério da Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 ENCONTRO COM A PESQUISA NARRATIVA E MINHA FORMAÇÃO .....	12
1.2 ÂMBITO DA PROBLEMÁTICA.....	13
1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO .....	16
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA TRILHA DA HISTÓRIA.....	17
2.2 O MÉTODO DE PAULO FREIRE.....	23
2.3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DA LEI 9304/96.	27
2.4 MAS AFINAL O QUE É A FILOSOFIA DA PRÁXIS? .....	28
<b>2.4.1 A influência da filosofia da práxis na autonomia do sujeito.....</b>	<b>31</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>40</b>
<b>4. A MINHA AUTOBIOGRAFIA.....</b>	<b>42</b>
4.1 A IDENTIFICAÇÃO: FORMAÇÃO SOCIAL, FAMILIAR E CULTURAL.....	42
4.2 A BUSCA DA INDIVIDUALIDADE E A CONSTENTAÇÃO.....	47
4.3 A DESCOBERTA DO NOVO EU/SER.....	49
4.4 PERTENCIMENTO, AUTODETERMINAÇÃO, LIBERDADE E O ENSINO....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>61</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 ENCONTRO COM A PESQUISA NARRATIVA E MINHA FORMAÇÃO

Estou na Universidade! Será que não é engano? Moço verifica meu nome certinho, não acredito ainda, fiz o ENEM só pra saber como é, para sentir, pois eu não havia terminado ainda o ensino médio na EJA, mas o diretor insistiu em fazer a nossa inscrição, eu e mais outros colegas.

Minha história na EJA teve início no dia em que meu esposo me chamou de burra! Nossa logo eu que gostava tanto de ler. No dia seguinte fui fazer minha matrícula na EJA, despertou em mim aquela menina pobre e imigrante que sofreu tanta discriminação na cidade, quando morava no sítio queria estudar. minha mãe acabou deixando eu vir para Foz do Iguaçu para estudar mas só até a terceira série, para aprender a ler, escrever e somar. Depois que me casei aos 16 anos, tive três filhos, trabalhamos muito eu e meu esposo para dar uma qualidade de vida aos nossos filhos, e estudos também.

Hoje estão todos formados em universidades públicas. Mas aquela menina dentro de mim continuava infeliz, pois não tinha realizado o sonho de sua vida !que era estudar história; tinha um vizinho que me dava revistas e livros que ele lia, isso na década de 70 (grandes personagens da história Universal, era a revista que ele lia) mais as histórias em quadrinhos, livros, eu devorava tudo pois no sítio não tinha outra coisa pra fazer além de trabalhar na lavoura.

Sempre gostei de história, mas acabei optando por Filosofia pois também era uma maneira de saber e entender tudo o que a religião e a sociedade infundiram em “nossas mentes”, queria muito entender tudo isso, não aceitava ou entendia essas histórias de céu e inferno, mas continuava querendo muito mais.

Aprender para ensinar. Tenho noção que comecei muito tarde, já tenho uma certa idade para trabalhar como professora, tem pessoas mais jovens para isso. E que também necessitam trabalhar mas ,enfim, nem que eu tenha que ficar falando e filosofando em qualquer lugar já me sentirei realizada. Não aceitar tudo que foi falado e escrito no passado, na democracia estamos sabendo e aprendendo que a história foi escrita em outro contexto, outra realidade.

A EJA foi fundamental para mim e para vários colegas, era uma escola muito inclusiva, tanto para brasileiros quanto para estrangeiros os professores muito

preparados, foi a melhor fase da minha vida, conheci tantas histórias de vida que me ajudou a ver que o meu problema era o menos grave, em comparação com outros alunos.

É claro que aqui na UNILA também não é diferente, me sinto imensamente privilegiada por estar aqui, honrada com grandes mestres super qualificados, os colegas, as diversidades – essa mistura de cultura, cosmovisão, idiomas, não existe melhor. Fiquei muito feliz de encontrar vários colegas da EJA aqui na UNILA.

Por isso da minha aproximação com a temática desse Trabalho de Conclusão de Curso

## 1.2 ÂMBITO DA PROBLEMÁTICA

A EJA, de acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos<sup>1</sup> é uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional, com finalidades e funções específicas: reparadora, equalizadora e permanente ou qualificadora.

O atendimento à escolarização da população jovem e adulta pelos sistemas estaduais se vincula às conquistas legais referendadas pela Constituição Federal de 1988, na qual a educação de jovens e adultos passa a ser reconhecida enquanto modalidade específica da educação básica, no conjunto das políticas educacionais brasileiras, estabelecendo-se o direito à educação gratuita para todos os indivíduos, inclusive aos que a ela não tiveram acesso na denominada idade própria.

Dessa forma pode-se afirmar que <sup>2</sup>a educação de adultos torna-se mais que um direito consistindo na chave de leitura para o século XXI, sendo tanto consequência do exercício da cidadania quanto, condição para uma plena participação na sociedade.

Santos (2016,p.34)) enfatiza que:

A educação de adultos exige uma inclusão que tome por base o reconhecimento do jovem adulto como sujeito. Coloca-nos o desafio de pautar

<sup>1</sup> Ver RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

<sup>2</sup> CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Relator: Carlos Roberto Jamil Cury, 2000.

o processo educativo pela compreensão e pelo respeito do diferente e da diversidade: ter o direito a ser igual quando a diferença nos inferioriza e o de ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza.

Assim ao se pensar no desafio de construir princípios que regem a educação de adultos, há de buscar-se uma educação qualitativamente diferente, bem como sociedade tolerante e igualitária, que a reconheça ao longo da vida como direito ide todos.

Nessa ótica a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é caracterizada não só pela diversidade do público que atende e dos contextos em que é realizada, mas também pela variedade de modelos de organização dos programas. Pensar a Alfabetização de Jovens e Adultos é uma busca de um constante diálogo o que implica no entendimento de que os sentidos e significados da educação evoluem e se transformam na dinâmica das relações sociais.

A Educação de Jovens e Adultos apresenta-nos as seguintes funcionalidades, de acordo com suas Diretrizes Curriculares (2000):

- a) Função reparadora: vista como uma chance sólida da presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades socioculturais destes segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais;
- b) Função equalizadora: reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação;
- c) Função permanente ou qualificadora: propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade.

Conforme instrui a Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, para o Ensino Médio, a idade mínima para ingresso é de 18 anos. A Matriz Curricular é de

1200 horas-aula, presencial, organizada por disciplina, ofertada em forma de cronograma nos mesmos moldes do ensino fundamental, na Sede e nas APEDs.

Conforme a Deliberação N° 05/2010, CEE/PR, no Ensino Fundamental o tempo de conclusão é de no mínimo dois anos na Sede e três anos nas APEDs<sup>3</sup>. No Ensino Médio seu tempo de integralização é de no mínimo um ano e meio na Sede e dois anos nas APEDs.

Visto que, a carga horária na modalidade EJA é cerca de metade da carga horária total estabelecida para o ensino regular, as práticas pedagógicas na EJA devem considerar o perfil do educando, suas características, seus interesses e suas condições de vida e de trabalho, assegurando-lhes oportunidades apropriadas.

O tempo diferenciado do currículo de EJA em relação ao tempo do currículo na escola regular não significa tratar o conteúdo escolar de forma precarizada ou aligeirada e, sim, abordá-lo integralmente, levando-se em consideração que o adulto não é uma criança grande, e também que já tem clareza do porquê e do para que estudar.

Diante do exposto levanta-se o seguinte problema de pesquisa: *Como a educação de jovens e adultos (EJA) a luz da filosofia da práxis pode contribuir na construção da autonomia da própria autora ?*

Por meio de um aprofundamento teórico sobre o tema, todas as inquietações foram sintetizadas a partir dos seguintes questionamentos, como questões norteadoras da pesquisa:

- Como a Educação de Jovens e adultos (EJA) contribui para formação de um sujeito autônomo ?

- Mas o que é a filosofia da práxis ?

Assim sendo o objetivo geral que baliza esse trabalho busca: Relatar a partir da metodologia das narrativas auto biográfica da autora de que forma a educação de jovens e adultos (EJA) a luz da filosofia da práxis pode contribuir na construção de sua autonomia enquanto pessoa. Os objetivos específicos foi desmembrados tendo como ponto de partida e chegada no seguinte :

- Descrever as trilhas históricas da educação de Jovens e Adultos no Brasil;
- Evidenciar a construção da autonomia a luz da filosofia da práxis;
- Interpretar os elementos caracterizadores do processo educacional,

---

<sup>3</sup> Ações Pedagógicas Descentralizadas

especificamente o percurso educacional, história de vida da futura professora-pesquisadora no que se relaciona a sua construção da autonomia.

### 1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Para tanto, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se organiza em 4 (quatro) partes. Na primeira parte do trabalho apresenta-se a introdução, onde se faz uma breve apresentação da temática, contextualizando o problema da pesquisa, a questão norteadora de estudo, bem como, os objetivos geral e específicos.

A segunda parte é identificada pela Fundamentação Teórica, onde inicialmente se faz uma contextualização da educação de jovens e adultos (EJA) ao longo da história.

A revisão teórica encontra-se fundamentada, principalmente, nos autores: FREIRE (1996), MOTTA (2017); PAIVA(2016); SILVEIRA (2018) e nas legislações Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), Orientações Curriculares para Ensino Médio e as Diretrizes Curriculares do Paraná (DCE/PR), Deliberação nº 04/2006 CEE/PR, Lei de diretrizes e bases (9394/96).

A terceira parte correspondente à Metodologia utilizada. A quarta parte corresponde à parte prática do trabalho a Análise dos Dados Coletados.

E finalmente nas Considerações Finais apresentam-se as conclusões geradas pela pesquisa.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA TRILHA DA HISTÓRIA

*“Antes de ensinar uma pessoa a ler as palavras é preciso ensiná-la a ler o mundo”.  
(Paulo Freire)*

Ao se voltar o olhar para a trajetória histórica da educação de jovens e adultos, poder-se observar o caráter de reposição e suplência, em busca do tempo perdido, ficando esta modalidade de ensino, desta forma, à margem do processo educativo. Os jesuítas foram os primeiros educadores de adultos e os iniciadores da Educação Brasileira, pois ministraram aos índios já na fase adulta noções de religião católica e da cultura ocidental.

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil -1808-1821(Ghirdelli Jr.,2016,p24).

No Período Imperial, a educação de adultos no Brasil foi organizada pelas diferentes províncias. Em 1882, têm destaque os pareceres do Rui Barbosa, que fazem referências ao ensino de adultos como um dos elementos que constituíram o chamado “Grupo Modelo”, que abrangeria diferentes idades, desde a infância até a maturidade, e trataram tanto da formação geral como da especial.

Mostrava ainda o interesse pela educação de jovens e adultos e pela formação profissional, que na época constituía-se numa grande inovação. A Reforma João Luis Alves (ou Lei Rocha Vaz) ocorrida no ano de 1925, tinha como destaque o ensino para adultos, enfatizando a importância dos professores responsáveis por este tipo de ensino, a fim de que os mesmos tivessem os mesmos direitos e regalias dos demais.

Dado este pela Lei Rocha Vaz constitui-se em uma primeira etapa para efetivar este tipo de ensino. Canen ( 2016 p. 43) comenta que: “as constituições brasileiras não trataram o problema da educação de adultos especialmente devido ao princípio federativo pela qual cada Estado deve organizar o seu ensino fundamental”.

A Educação Básica de Adultos começou a delimitar seu lugar na história da educação no Brasil a partir da década de 30, quando finalmente começa a se consolidar um sistema público de educação elementar no país. Neste período, a

sociedade brasileira passava por grandes transformações, associadas ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos. A oferta de ensino básico gratuito estendia-se consideravelmente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos. A ampliação da educação elementar foi impulsionada pelo Governo Federal, que traçava diretrizes educacionais para todo o país, determinando as responsabilidades dos estados e municípios. (Motta, 2017).

Mas somente na Constituição de 1934 é que se apresenta o ensino primário para adultos e crianças como obrigatório. Essa Constituição atribuía competências ao Conselho Nacional de Educação (CNE) para elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE), porém não chegou nem a ser discutido no Congresso devido às transformações políticas advindas da implantação do Estado Novo.

Com a implantação do plano está previsto o Ensino Supletivo tanto para adolescentes como para adultos analfabetos ou já alfabetizados, que desejassem instruir-se profissionalmente, incluindo também a população indígena. “Na Constituição de 1937, a organização do ensino de adultos ficou sob a responsabilidade de cada Estado de Federação, através do cumprimento do princípio federativo e à medida que houvesse condições, necessidades e possibilidades para realizar o ensino de adultos”. (Paiva,2016,p.45)

Através da Portaria Nº 57 do Ministério da Educação de 30/01/47 é criado no Departamento Nacional de Educação o Serviço de Educação de Adultos e juntamente com ele, a primeira campanha de âmbito nacional visando erradicar o analfabetismo no Brasil. Para organização desta Campanha foram tomadas algumas medidas administrativas.

Foi promulgado o Decreto Lei Nº 4.958 de 14/11/42, que instituiu o Fundo Nacional do Ensino Primário, onde seus recursos destinaram se à ampliação e a instauração da Campanha de Educação de Adultos deu lugar também à conformação de um campo teórico-pedagógico orientado para a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil<sup>4</sup>. (Motta, 2017).

Paiva (2016) comenta:

Dependente do contato face a face para enriquecimento de sua experiência social, ele tem que, por força, sentir-se uma criança grande, irresponsável e ridícula [...]. E, se tem as responsabilidades do adulto, manter uma família e uma profissão, ele o fará em plano deficiente. [...] O analfabeto, onde se encontra, será um problema de definição quanto aos valores: aquilo que vale para ele é sem mais valia para os outros e se torna pueril para os que

<sup>4</sup> Ver : Fundamentos Metodológicos em EJA. Curitiba, 2017.

dominam o mundo das letras. [...] inadequadamente preparado para as atividades convenientes à vida adulta. [...] ele tem que ser posto à margem como elemento sem significado nos empreendimentos comuns. Adulto-criança, como as crianças ele tem que vier num mundo de egocentrismo que não lhe permite ocupar os planos em que decisões comuns têm que ser tomadas (Paiva, 2016, p. 26).

Ainda complementa a autora que durante a própria campanha, essa visão modificou-se. Foram adensando-se as vozes dos que superavam esse preconceito, reconhecendo o adulto analfabeto como ser produtivo, capaz de raciocinar e resolver seus problemas.

Para tanto contribuíram também teorias mais modernas da psicologia, que desmentiam postulados anteriores de que a capacidade de aprendizagem dos adultos seria menor do que a das crianças (Paiva, 2016).

Já em artigo de 1945, Lourenço Filho<sup>5</sup> argumentara neste sentido, lançando mão de estudos de psicologia experimental realizados nos Estados Unidos nas décadas de 20 e de 30. No início de 1947, era autorizada na Lei de N° 59, a cooperação financeira da União às Universidades da Federação por meio de acordos a serem fiscalizados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos deveriam estes acordos serem realizados pelos interessados na erradicação do analfabetismo. .

O Ministério da Educação confiante na capacitação de aprendizagem dos adultos e, por conseguinte a difusão de um método utilizado para o ensino da leitura denominado de Laubach<sup>6</sup>, produziram um material didático especialmente para o ensino da leitura e da escrita dos adultos.

Era um guia que foi distribuído pelo Ministério da Educação para as escolas supletivas de todo o país, que constava orientações para aprendizagem do método silábico.

A confiança na capacidade de aprendizagem dos adultos e difusão de um método de ensino de leitura para adultos conhecido como Laubach inspiraram a iniciativa do Ministério da Educação de produzir pela primeira vez, por ocasião da

---

<sup>5</sup>Manuel Bergström Lourenço Filho foi um educador e pedagogo brasileiro conhecido sobretudo por sua participação no movimento dos pioneiros da Escola Nova. Foi duramente criticado por ter colaborado com o Estado Novo de Getúlio Vargas. **Fonte** : <https://www.infoescola.com/biografias/lourenco-filho/>. ( Acesso 02 de março de 2024)

<sup>6</sup>O Método Laubach de alfabetização de adultos foi criado pelo missionário protestante norte-americano Frank Charles Laubach (1884-1970). Desenvolvido por Laubach nas Filipinas, em 1915, subsequentemente foi utilizado com grande sucesso em toda a Ásia e em várias partes da América Latina, durante quase todo o século XX. Disponível em: [www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/742](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/742) (Acesso em 02 de março de 2024)

Campanha de 47, material didático específico para o ensino da leitura e da escrita para os adultos (Motta,2017).

O Primeiro Guia de Leitura, distribuído pelo Ministério em larga escala para as escolas supletivas do país, orientava o ensino pelo método silábico. As lições partiam de palavras-chave selecionadas e organizadas segundo suas características fonéticas. A função dessas palavras era remeter aos padrões silábicos, estes sim o foco do estudo. As sílabas deveriam ser memorizadas e remontadas para formar outras palavras. As primeiras lições também continham pequenas frases montadas com as mesmas sílabas. Nas lições finais, as frases compunham pequenos textos contendo orientações sobre prevenção da saúde, técnica simples de trabalho e mensagens de moral e civismo. (Silveira,2018,p.132)

Em meados de 1950, surgem várias críticas à campanha de Educação de Adultos, no que se refere às deficiências administrativas e orientações pedagógicas apresentadas nela.

As críticas se referiam ao caráter superficial em que era efetivada a aprendizagem no curto período de tempo usado para alfabetizar os adultos e principalmente a forma inadequada do método para a população adulta e para mais diversas regiões do país. No início dos anos 60, a partir do pensamento pedagógico de Paulo Freire e sua proposta para alfabetizar adultos, surgem os primeiros programas de alfabetização e educação popular no país, empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados em uma ação política junto aos grupos populares.

Surge na época do regime militar o movimento de alfabetização MOBRAL<sup>7</sup>, no intuito de erradicar o analfabetismo no Brasil. O analfabetismo era visto como causa da pobreza e da marginalização, passando então, a ser interpretado como efeito da situação da pobreza gerada pela estrutura social.

Foi elaborada por Paulo Freire, uma proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, tendo como princípio básico uma frase que se tornou célebre. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Conforme os cadernos do MEC (1997, p.26) sobre Educação de Jovens e Adultos:

---

<sup>7</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização foi um órgão do governo brasileiro, instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968, conforme autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 durante o governo de Costa e Silva na Ditadura Militar. Disponível em : <http://forumeja.org.br>. (Acesso em 02 de março de 2024)

O MOBRAL constituiu-se como organização autônoma em relação ao Ministério da Educação contado com um volume significativo de recursos. Em 1969, lançou-se uma campanha massiva de alfabetização. Foram instaladas Comissões Municipais, que se responsabilizavam pela execução das atividades mas a orientação e supervisão pedagógica, bem como a produção de materiais didáticos.

Durante toda década de 70, o MOBRAL teve sua expansão a nível de país. A partir do MOBRAL, surgiram inúmeras e variadas iniciativas, sendo a de maior importância, o Programa de Educação Integrada, equivalente a uma condensação do antigo primário que utilizava um material didático próprio, conforme figura abaixo.

Figura 1: Material didático utilizado pelo Programa do Mobral



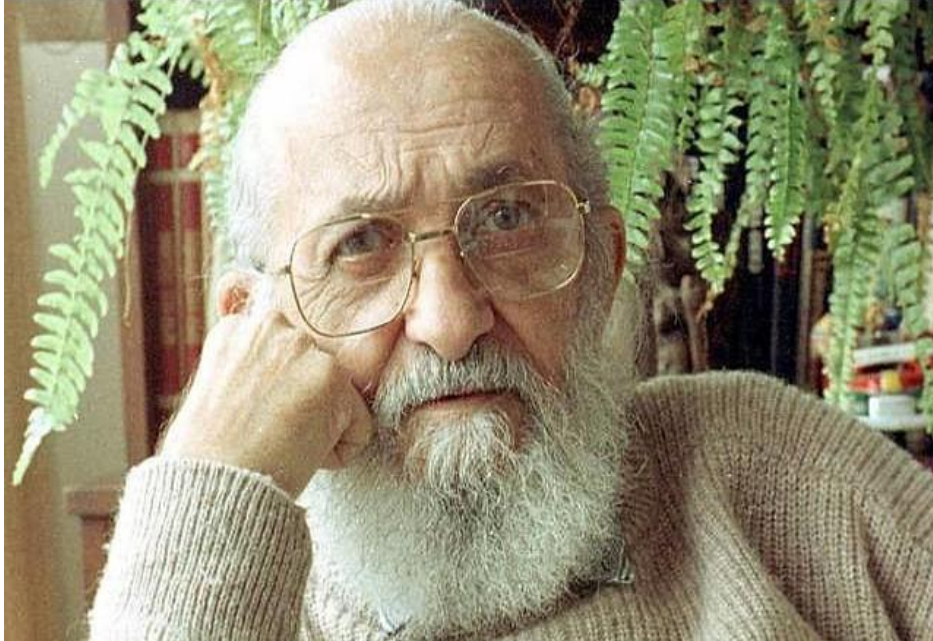
Fonte: Plano de Alfabetização Funcional

O método adotado pelo Mobral era o de ler e escrever, copiado de Paulo Freire, que a essa altura já se encontrava exilado no Chile. Paulo Freire foi um educador que sempre lutou pelo fim da educação elitista, com o objetivo de desenvolver uma educação libertadora e democrática, que visava partir da realidade vivida do aluno, segundo Aranha (1996, p.209):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que

sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

Figura 2: Paulo Freire . Patrono da Educação Brasileira



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br>. (Acesso 02 de março de 2024)

De acordo com Freire, (1977,p.69):

Na etapa preparatória, na qual o alfabetizador realizaria uma pesquisa sobre a realidade do grupo que iria atuar. E em conjunto, se faria um levantamento do universo vocabular utilizado por aquele grupo. A finalidade era, antes mesmo de dar-se início o aprendizado da escrita, levar o educando a assumir-se como sujeito de sua aprendizagem. Concluída esta etapa, tem início o estudo das palavras geradoras que eram apresentadas junto com os cartazes, contendo imagens referentes às situações existenciais a elas relacionadas. Para cada gravura usada, iniciava-se o novo debate envolvendo o tema. A partir daí era feita análise da palavra sílaba por sílaba. Visto que a educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexões que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e inúmeras questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar.

O método passa a ser sistematizado realmente a partir de 1962, constituindo-se não como uma simples técnica neutra, mas todo um sistema coerente no qual a teoria informava a técnica pedagógica e seus meios.

As ideias de Freire precisam ser compreendidas no contexto histórico-político em que surgiram: o Nordeste brasileiro durante a década de 1950 e a metade de 1960, período caracterizado pelo surgimento das classes populares no cenário político, pela primeira vez na história do Brasil.

Era o período do populismo<sup>8</sup>, caracterizado pelo surgimento de líderes que se identificavam com o Estado e manipulavam as classes populares, objetivando legitimar o poder do Estado como o seu próprio poder pessoal. Duas são as características fundamentais do populismo: Seu caráter manipulatório ambíguo e a utilização de uma ideologia nacionalista. Visando usar as classes populares e antecipar-se a elas a fim de mantê-las sob controle para obter legitimidade política para o Estado, o populismo concede de forma paternalista a participação política às camadas populares.

Esse caráter manipulatório do populismo revela-se ambíguo, pois abre a possibilidade das classes populares se tornarem conscientes de sua posição social e se organizarem, buscando melhorar sua situação social e ousarem novas exigências. É justamente nesse contexto o Nordeste brasileiro onde, no início da década de 1960, metade de seus 30 milhões de habitantes eram analfabetos, que Freire desenvolve suas ideias, contrapondo-se às ideias e métodos empregados até então.

As primeiras experiências empregando o método iniciaram-se na cidade de Angicos (RN), em 1962, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias.

A matriz do método é a educação concebida como um momento de processo global de transformação revolucionária da sociedade. Conscientização é a sua palavra-chave, pois Freire só vê sentido na alfabetização enquanto práxis político-pedagógica.

O método considera o analfabeto como portador de cultura e conhecimentos.

Segundo Eugenio (2014, p.45), o método tem 3 etapas: “a) Investigação: descoberta do universo vocabular; b) Tematização: os temas levantados na etapa anterior são codificados, decodificados e contextualizados; c) Problematização: o conceito é problematizado, visando a conscientização dos educandos”.

## 2.2 O MÉTODO DE PAULO FREIRE

Paulo Freire, segundo Gadotti (2012), considera todos os seres humanos como

---

<sup>8</sup> Populismo é uma forma de governar em que o governante utiliza de vários recursos para obter apoio popular. O populista utiliza uma linguagem simples e popular, usa e abusa da propaganda pessoal, afirma não ser igual aos outros políticos, toma medidas autoritárias, não respeita os partidos políticos e instituições democráticas, diz que é capaz de resolver todos os problemas e possui um comportamento bem carismático. É muito comum encontrarmos governos populistas em países com grandes diferenças sociais e presença de pobreza e miséria. [www.suapesquisa.com/historia/dicionario/populismo.htm](http://www.suapesquisa.com/historia/dicionario/populismo.htm) (Acesso 03 de março de 2024)

seres pedagógicos, incompletos e inacabados. Os seres humanos completam-se convivendo com os outros e trabalham o seu inacabamento pela educação permanente, ao longo de toda a sua vida.

Sendo a educação permanente um processo pelo qual o profissional se atualiza periodicamente na sua área, pode-se deduzir que se trata de uma educação dirigida à população adulta, ou seja, a educação de adultos. Paulo Freire pensa a educação, simultaneamente, como ato político, como ato de conhecimento e como ato criador.

Para Freire (1996), um dos fatores determinantes da superação da opressão e das desigualdades sociais é o desenvolvimento da consciência crítica por meio da consciência histórica. Seu projeto educacional sempre contemplou essa prática, sendo sua teoria do conhecimento construída com base no respeito ao educando, na conquista da autonomia e na dialogicidade como princípios metodológicos.

Gadotti (2010) refere que a problematização nasce da consciência que os homens adquirem de si mesmos, do pouco que sabem a seu próprio respeito, e esse pouco saber faz com que eles se transformem e se ponham a si mesmos como problemas. A problematização é a transformação de uma necessidade humana em questão problematizadora.

A Educação Problematizadora, para Freire (1996), funda-se na relação dialógico-dialética entre educador e educando, pois ambos aprendem juntos. O diálogo é, portanto, uma exigência existencial que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido.

Para pôr em prática o diálogo, o educador não pode se colocar na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber. Ele deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o educando não é um homem 'perdido', fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber (FREIRE, 1996).

Figura 3: O método de alfabetização de Paulo Freire para Jovens e Adultos



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br>. (Acesso 03 de março de 2024)

Freire propunha uma educação problematizadora e crítica. Para ele, os alfabetizandos necessitavam aprender a escrever a sua vida e a ler a sua realidade, o que só era possível se estes tomassem a história nas mãos, para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos. Todo esse trabalho teve repercussão rápida. Em 1963, Freire foi convidado pelo então Presidente João Goulart<sup>9</sup> e pelo então Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos<sup>10</sup>, para repensar a alfabetização de adultos em

<sup>9</sup> Conhecido também pelo apelido de “Jango”, João Belchior Marques Goulart foi presidente do Brasil entre os anos de 1961 e 1964 (foi deposto com o Golpe Militar de 1964). Antes disso, tinha sido vice-presidente de JK (Juscelino Kubitschek) entre os anos de 1956 e 1961. João Goulart nasceu na cidade gaúcha de São Borja em 1 de março de 1919 e faleceu na cidade argentina de Mercedes em 6 de dezembro de 1976.

<sup>10</sup> Ativo participante da campanha vitoriosa de Jânio Quadros à presidência da República nas eleições de outubro de 1960, tornou-se prefeito de Brasília, capital federal desde abril de 1960, em fevereiro de 1961. Licenciado da Câmara dos Deputados desde então, reassumiu o seu mandato de deputado federal logo depois da renúncia do presidente em agosto de 1961. Foi favorável à Emenda Constitucional nº 4, de setembro de 1961, que implantou o regime parlamentarista no Brasil, como forma conciliatória para propiciar a posse do vice-presidente João Goulart, cujo nome era vetado pelos ministros militares. Nessa legislatura, participou da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), organização suprapartidária que combatia a presença do capital estrangeiro na economia nacional e a remessa de lucros para o exterior. Reeleito em outubro de 1962, integrou a Frente da Mobilização Popular (FMP), movimento nacionalista cujo objetivo era lutar pela implementação das chamadas reformas de base (reforma agrária, urbana, tributária, bancária e constitucional). Liderada pelo deputado federal Leonel Brizola, congregava representantes de organizações sindicais, estudantis e de mulheres. Defensor da antecipação do plebiscito nacional - que, em janeiro de 1963, decidiu pelo retorno ao regime presidencialista -, em junho de 1963 Paulo de Tarso licenciou-se da Câmara para assumir o Ministério da Educação e Cultura. [cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/paulo\\_de\\_tarso](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/paulo_de_tarso) (Acesso abril de 2021).

âmbito nacional. Aprovada pelo Decreto 53.465, de 21 de janeiro de 1964<sup>11</sup>, o plano nacional de alfabetização de adultos orientado pela proposta de Freire, previa a instalação de 20 mil círculos de cultura, que alfabetizaria 2 milhões de pessoas. Porém, foi reprimida pelo golpe militar e extinta pela Portaria 237, de 14/04/1964<sup>12</sup>.

Segundo Eugenio (2014, p.65),” o ano de 1964 constituiu-se num momento de ruptura política que produziu uma completa reorganização dos aparelhos políticos do Estado brasileiro por meio da centralização imposta pelo poder Executivo”.

O golpe de 1964 põe fim aos ricos momentos de educação popular do início dos anos de 1960. Extingue-se o debate educacional através de cassações, exílios, tortura e destruição da literatura marxista. Na política interna, se teve a formulação e execução do PAEG<sup>13</sup>, que, graças à centralização absoluta do governo, pode acontecer, visto que foram extintos todos os partidos políticos então existentes.

O governo era o mediador do pacto social. Formulava políticas e estratégias que assegurassem a reprodução das condições de desenvolvimento do capital. Dois

<sup>11</sup> Institui o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura e dá outras providências. O PRESIDENTE DE REPÚBLICA, no uso das atribuições constante do artigo 87, inciso I, da Constituição Federal, e CONSIDERANDO a necessidade de um esforço nacional concentrado para eliminação do analfabetismo; CONSIDERANDO que os esforços até agora realizados não têm correspondido à necessidade de alfabetização em massa da população nacional; CONSIDERANDO que urge conclamar e unir todas as classes do povo brasileiro no sentido de levar o alfabeto àquelas camadas mais desfavorecidas que ainda o desconhece CONSIDERANDO que o Ministério da Educação e Cultura vem provando, através da Comissão de Cultura Popular, com vantagem o Sistema Paulo Freire para alfabetização em tempo rápido. [www2.camara.gov.br/.../decret/.../decreto-53465-21-janeiro-1964-3935](http://www2.camara.gov.br/.../decret/.../decreto-53465-21-janeiro-1964-3935) (Acesso abril de 2021).

<sup>12</sup> Determina a abertura de inquérito policial militar, a fim de apurar fatos e as devidas responsabilidades de todos aqueles que, no País, tenham desenvolvido ou ainda estejam desenvolvendo atividades capituláveis nas Leis que definem os crimes militares e os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social. Diário Oficial da União - Seção 1 - 14/4/1964, Página 3313 (Publicação Original) Observação: O Ato nº 8, de 14/04/1964, do Comando Supremo da Revolução foi publicado como sendo Portaria nº 1. Ementa elaborada pelo Centro de Documentação e Informação. [www2.camara.leg.br/portaria-1-14-abril-1964-378840-norma-csr.htm](http://www2.camara.leg.br/portaria-1-14-abril-1964-378840-norma-csr.htm) (Acesso março de 2024).

<sup>13</sup> O Programa de Ação econômica do governo (PAEG), consequência da visão do ministro de planejamento Roberto Campos, tinha como foco promover as reformas tributária, financeira e trabalhista e a diminuição dos desequilíbrios regionais. Para estruturar o Sistema Financeiro Nacional e corrigir a inflação, Castelo Branco estabeleceu medidas não populares que propiciariam relativo sucesso econômico: **Reforma tributária** Modificação na estrutura tributária (os impostos indiretos foram elevados e os diretos reduzidos, protegendo setores estratégicos pela concentração de renda); política fiscal restritiva. **Reforma financeira.** Política monetária restritiva (baixa emissão de moeda, principalmente); Estabilizar os preços: o Imposição de regras para fixação de preços; o Redução do poder aquisitivo, “arrocho salarial” ou Política de Salários (acreditavam na inflação por demanda). Reformas bancárias: a criação do Bacen, em substituição às funções do Banco do Brasil; a Criação do Conselho Monetário Nacional (CMN); a Criação do Banco Nacional de Habitação (BNH) e do Sistema Financeiro de Habitação (SFH); a Facilitação aos empréstimos bancários no mercado externo. Aumentar os investimentos diretos: o Por meio das empresas públicas; Obras diretas (usina de Itaipu e ponte Rio Niterói). Acertar o déficit da balança de pagamentos: o Financiamento por emissões de títulos públicos (Letras do Tesouro Nacional [LTN] e Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional [ORTN]); o Aumento de receita gerada pela instalação aqui de empreendimentos externos. Acertar a balança comercial o Aumentar as exportações (promovendo a modernização conservadora do campo, produção moderna de commodities). A Desvalorização gradual do câmbio (aumentaria a dívida já existente, porém favoreceria as exportações e inibiria as importações). Reforma Trabalhista Restrição do direito a greves; Abolição da estabilidade empregatícia (moldagem da legislatura aos interesses do empresariado e harmonização com o operariado); Criação do FGTS, PIS, PASEP. [www.ebah.com.br/content/ABAAfqw4AJ/paeg-milagre-economico](http://www.ebah.com.br/content/ABAAfqw4AJ/paeg-milagre-economico) (Acesso março 2024)

fatos do período são extremamente importantes para a educação de adultos: a LDBEN nº 5691/71<sup>14</sup> e a criação do MOBRAL.

### 2.3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DA LEI 9304/96

Em 1996 foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, onde a EJA é considerada uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio e com especificidade própria.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96)<sup>15</sup>, no artigo 37, explicita que “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”. Sendo assim, essa modalidade de ensino caracteriza-se pela diversidade do perfil dos educandos (idade, nível de escolarização, situação socioeconômica e cultural, ocupações e motivação pela qual procuram a escola).

Além disso, nesse período, houve a articulação de diversos segmentos sociais como: Organizações Não-Governamentais, movimentos sociais, Governos Municipais e Estaduais, universidades, organizações empresariais, com os objetivos de discutir e propor políticas públicas para a educação de jovens e adultos em nível nacional. Para fortalecer tais manifestações realizou-se a V Conferência Internacional de Educação de Adultos, em julho de 1997, em Hamburgo, na Alemanha, iniciando assim os Fóruns Estaduais de EJA<sup>16</sup>, resultando nos Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos, desde o ano de 1999.

Em janeiro de 2003, O MEC<sup>17</sup> anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal. Para isso, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, para trabalhar na erradicação do analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Foi lançado o programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuiu com os órgãos

---

<sup>14</sup> A 2ª lei de diretrizes e bases brasileira. A Lei nº 5692/71 no contexto institucional ampliou a representatividade de grupos privados, em detrimento das entidades dos educadores nos Conselhos Estaduais e Federal. Evidentemente, os princípios que nortearam a elaboração da Lei nº 5691/71 estavam em harmonia com o Governo autoritário do Regime Militar da época e contribuíram para a consolidação da centralização autoritária, características evidentes em uma ditadura. Ela estava sob os ditames capitalistas, expressos nos discursos militares da época. Esses discursos usavam o argumento de que o Brasil deveria ingressar no rol dos países desenvolvidos, com lideranças entre os integrantes da América Latina, determinando uma ação revolucionária na educação, de modo que selasse uma aliança entre a educação e desenvolvimento. [www.webestudante.com.br/we/index.php?option](http://www.webestudante.com.br/we/index.php?option) (Acesso março de 2024).

<sup>15</sup> Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

<sup>16</sup> Educação de Jovens e Adultos.

<sup>17</sup>Ministério de Educação e Cultura.

públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvessem ações de alfabetização.

O programa de erradicação foi estendido para o segundo mandato político; embora tenha contribuído para a diminuição dos índices, não conseguiu a erradicação do analfabetismo no Brasil.

## 2.4 MAS AFINAL O QUE É A FILOSOFIA DA PRÁXIS ?

A filosofia da práxis é um conceito central na teoria crítica e na filosofia política, que se desenvolveu no século XX, principalmente através dos pensamentos de pensadores como Karl Marx, Antonio Gramsci e György Lukács. Ela se concentra na importância da ação prática como forma de transformação social e política (Marx, 2015; Gramsci, 2000; Lukács, 2013).

De acordo com Marx, a filosofia da práxis é uma teoria e prática unidas, onde a teoria é moldada pela prática e a prática é orientada pela teoria. Ele enfatizou a importância da ação prática para a transformação social, argumentando que a filosofia deveria ter um papel ativo na luta por mudança social. Em sua obra "Teses sobre Feuerbach", Marx escreveu: "Os filósofos até agora apenas interpretaram o mundo de diversas maneiras; o que importa é transformá-lo" (Marx, 2015). Além disso, para ele a filosofia da práxis é uma abordagem educacional que tem como base a ideia de que a educação deve ser conduzida de forma crítica, reflexiva e transformadora, permitindo que os indivíduos se tornem agentes ativos (Rêses; Castro; Barbosa, 2018, p. 79).

Expandindo a ideia de Marx de filosofia da práxis, Antonio Gramsci argumenta que a teoria e a prática estão em constante diálogo e que a mudança social é alcançada através da construção de uma cultura de resistência e luta. Ele defendeu que a práxis é uma atividade coletiva, onde os indivíduos devem se unir em torno de um objetivo comum para alcançar a mudança social. Em sua obra "Cadernos do Cárcere", Gramsci escreveu: "A práxis é a unidade indissolúvel do pensamento e da ação, da teoria e da prática" (Gramsci, 2000).

Além desses dois, como citado, György Lukács também enfatizou a importância da práxis, argumentando que a ação é a única maneira de superar a alienação e a opressão. Ele defendeu que a filosofia deveria ser uma ferramenta para a transformação social, não apenas uma teoria abstrata. Em sua obra "História e

Consciência de Classe", Lukács escreveu: "A única maneira de superar a alienação é através da práxis, através da ação consciente e organizada" (Lukács, 2013).

Adentrando ao contexto brasileiro, a filosofia da práxis de Freire é baseada na ideia de que a educação não é um processo neutro e que os conteúdos não são dados de forma isenta, mas sim construídos e influenciados pelas relações sociais e políticas (Di pierro, 2003, p. 54).

O conceito de práxis, nessa perspectiva, refere-se a uma ação reflexiva, crítica e transformadora da realidade, que deve ser conduzida de forma coletiva e dialógica. A ideia de autonomia é um elemento importante nessa abordagem, pois ela é entendida como a capacidade de agir de forma livre e consciente, levando em consideração as condições sociais, políticas e culturais em que se está inserido (Freire, 1996, p. 34).

Segundo bell hooks (2013), a educação como prática da liberdade é entendida como um processo de construção coletiva do conhecimento, em que os alunos são incentivados a refletir criticamente sobre a realidade em que estão inseridos e a construir, de forma coletiva, novas formas de transformá-la. Além disso, a filósofa pontua sobre algo fundamental que interliga seu trabalho ao de Paulo Freire:

A obra de Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação[...]. Essa noção de trabalho coletivo também é afirmada pela filosofia do budismo oengajado de Tchich Nhat Hanh, focada na prática associada à contemplação. Sua filosofia é semelhante à insistência de Freire na "práxis" – agir e refletir e sobre o mundo a fim de modifica-lo (Hooks, 2013, p.26)

A conscientização, por sua vez, é entendida como a capacidade de reconhecer as contradições e injustiças presentes na sociedade e de agir de forma crítica e transformadora diante delas. Já a ação cultural refere-se à capacidade de os indivíduos se organizarem coletivamente para transformar a realidade em que estão inseridos (Nascimento, 2013).

Para Freire, a educação deve ser conduzida de forma dialógica, em que o professor e o aluno se colocam em um mesmo patamar, sendo ambos responsáveis pelo processo de construção do conhecimento. Nesse sentido, a filosofia da práxis é uma abordagem que valoriza a participação ativa dos alunos no processo educativo, permitindo que eles sejam sujeitos de sua própria formação (Pereira, 2014).

Essa abordagem valoriza a participação ativa dos alunos no processo

educativo, permitindo que eles sejam sujeitos de sua própria formação. Além disso, a filosofia da práxis enfatiza a importância da conscientização e da ação cultural como formas de transformação social, valorizando a diversidade e a promoção da justiça social como elementos fundamentais do processo educativo.

Outro ponto importante da filosofia da práxis é a compreensão da realidade social como um processo dinâmico e em constante transformação (Rêses; Castro; Barbosa, 2018, p. 79).

Nesse sentido, é fundamental que a educação esteja em sintonia com as mudanças sociais, permitindo que os indivíduos possam se adaptar e se reinventar diante das novas demandas do mundo contemporâneo. No Brasil, a filosofia da práxis tem sido aplicada nas escolas públicas, especialmente em comunidades carentes e em áreas rurais. Um exemplo é o programa *Escolas Rurais Conectadas*, que tem como objetivo promover a inclusão digital e a formação crítica dos alunos por meio da utilização de tecnologias educacionais (Queiróz et al., 2015).

Queiróz et al., (2015) destacaram que a filosofia da práxis tem sido aplicada em diversos contextos educacionais ao redor do mundo, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. Em muitos casos, essa abordagem tem sido utilizada como uma ferramenta para promover a inclusão social, a equidade e a justiça educacional.

Porém, utilizando o trabalho de Queiróz et al.(2015) como análise Santos e Mendes (2023) reiteraram que a educação brasileira vem sofrendo ano após ano com o avanço de políticas neoliberais que instauram premissas de privatizações, exigências quantitativas sobre professores e diretores (ao invés de focarem na qualidade do ensino), redução da carga horária de disciplinas das ciências humanas, negligência quanto ao incentivo e à baixa remuneração de professores, e outras defasagens que preocupam estudantes, pais, professores e a sociedade como um todo.

Santos e Mendes (2023), não negaram que a filosofia da práxis é essencial no ensino da educação brasileira. No entanto, com o surgimento de certos ideais conservadores e do avanço da extrema direita no Brasil, há uma crescente demonização do compêndio de Paulo Freire, sendo ele injustamente acusado de ser o culpado pela má evolução da educação brasileira.

Desse modo, os pesquisadores afirmam ser necessário, neste momento, continuar a defesa de que a filosofia de Freire é uma ferramenta vital para a

construção de uma educação mais justa e equitativa, e que sua abordagem crítica é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da consciência crítica dos alunos. Pois, os mesmos já notam em seus resultados de pesquisas, associados ao INEP, a baixa demanda de EJA's, a desativação de algumas EJA's e a evasão escolar dessas. Além disso, eles pontuam que essa formatação de novos ensinos surgindo comunalizados ao neoliberalismo são formas de desconstruir a educação popular, essa que possui como base a filosofia da práxis e busca desenvolver a autonomia dos sujeitos a partir da reflexão sobre a realidade e da construção coletiva do conhecimento.

Segundo Freire (1987,p.89), a educação popular é "um processo dialógico, em que os sujeitos se tornam corresponsáveis pela construção do conhecimento e pela transformação da realidade".

Em suma, os pensamentos desses três filósofos marxistas foram fundamentais para consolidar e instaurar a filosofia da práxis. Com esse alinhamento, Paulo Freire sedimentou essa corrente filosófica nas áreas tropicais e tupiniquins do continente sul-americano, trazendo ares europeus e transformando-os em ensinamentos e contribuições verdadeiramente brasileiras, como por exemplo a EJA. Pode-se dizer que Freire fez e concretizou caminhos decoloniais<sup>18</sup>, pois sua filosofia da práxis, trouxe uma importante ferramenta para a construção dos alunos nesse tipo de ensino: a autonomia.

#### **2.4.1 A influência da filosofia da práxis na autonomia do sujeito**

A autonomia é um conceito bastante estudado na filosofia e nas ciências sociais, e sua definição pode variar de acordo com o contexto em que é utilizado. De maneira geral, pode-se entender a autonomia como a capacidade de uma pessoa ou grupo de indivíduos de tomar decisões e agir de forma independente, sem se submeter a autoridades externas ou influências coercitivas (Deci e Ryan, 2008).

Em filosofia, a noção de autonomia ganhou destaque com Immanuel Kant, que a considerava um dos pilares fundamentais da moralidade. Para Kant, a autonomia é a capacidade de agir de acordo com a própria razão, seguindo princípios universais e

---

<sup>18</sup> A filosofia decolonial tem suas raízes em diversas tradições críticas, como o pensamento pós-colonial, o marxismo, e os estudos culturais. No entanto, ela se distingue por sua ênfase específica na experiência e na realidade dos povos colonizados. Entre os principais teóricos decoloniais estão Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Enrique Dussel e Ramón Grosfoguel.

racionais, independentemente de influências externas (Kant, 2001). Isso implica em tomar decisões com base na própria consciência moral, sem se deixar levar por interesses egoístas ou pressões sociais.

Na psicologia, a autonomia é estudada como uma das necessidades básicas dos indivíduos, segundo a teoria da autodeterminação proposta por Deci e Ryan (2000). Essa teoria enfatiza a importância da autonomia para a motivação, o bem-estar psicológico e o desenvolvimento humano. Segundo Deci e Ryan (2008), a autonomia pode ser definida como "a experiência de escolher e controlar as próprias ações" (p. 33), sendo uma necessidade universal que se manifesta de forma diferente em cada cultura e contexto.

Outros autores também têm abordado o conceito de autonomia em diferentes áreas do conhecimento. Na educação, por exemplo, a autonomia tem sido vista como uma das competências a serem desenvolvidas nos alunos, visando prepará-los para lidar com os desafios do mundo contemporâneo (Santos e Gondim, 2014). Na política, a autonomia pode ser entendida como a capacidade de um país ou região de se autogovernar, sem intervenção externa (Barber, 1984).

Desse modo, ela é um conceito central na filosofia moral e política, que se refere à capacidade do indivíduo de tomar decisões de forma autônoma, baseado em sua própria razão e consciência. Abordando ainda Kant, a autonomia é a capacidade de se impor leis a si mesmo, sem depender de leis impostas externamente. Para ele, o ser humano é um ser racional e livre, capaz de agir de acordo com seus próprios princípios e valores. Essa autonomia se baseia na capacidade de se guiar pela razão e não pelos impulsos ou influências externas (Kant, 2001).

Outro autor que aborda a relação entre autonomia e filosofia da práxis é Gadotti (2012), que defende a importância da educação para a construção da autonomia. Segundo o autor, a educação é um processo contínuo de construção da autonomia, que se dá por meio da reflexão crítica sobre a realidade e da construção coletiva do conhecimento. Para Gadotti, a filosofia da práxis é fundamental nesse processo, pois permite aos indivíduos compreender a realidade de forma crítica e transformadora.

Além disso, a busca pela autonomia na educação tem sido cada vez mais discutida no contexto da formação de professores. Segundo Pimenta e Anastasiou (2014), a formação de professores deve ser orientada pela filosofia da práxis, que permite aos professores compreender a realidade de forma crítica e transformadora, e desenvolver sua capacidade de reflexão e de construção coletiva do conhecimento.

Nesse sentido, a autonomia é fundamental para a formação de professores críticos e reflexivos, capazes de atuar de forma consciente e transformadora na sociedade.

Porém, apesar da importância da autonomia na educação, é importante ressaltar que sua construção não é um processo simples ou linear. De acordo com Arroyo (2011), a construção da autonomia exige um processo contínuo de reflexão crítica sobre a realidade, que envolve a compreensão das contradições e das lutas sociais. Nesse sentido, a autonomia não é um atributo individual, mas sim um processo coletivo, que envolve a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento e na transformação da sociedade.

Portanto, a busca pela autonomia na educação está diretamente relacionada à filosofia da práxis, que permite a reflexão crítica sobre a realidade e a transformação consciente e coletiva da sociedade. A construção da autonomia não é um processo em linha reta, esse possui um caminho com adversidades, contemplações, percausos e círculos de encontros. Sejam eles para finalização e o início de algo educacional.

No entanto, a implementação da filosofia da práxis na educação ainda enfrenta diversos desafios. Segundo Santos e Gondim (2014,p.86), “a falta de formação dos professores, a precariedade das condições de trabalho e a desvalorização da profissão são alguns dos principais obstáculos para a construção de uma educação autônoma e crítica”.

Portanto, é necessário que a busca pela autonomia na educação seja acompanhada de políticas públicas que valorizem a formação dos professores e garantam condições adequadas de trabalho, além de uma perspectiva teórica que permita a construção de uma educação crítica e autônoma, como a filosofia da práxis.

O tema da autonomia na educação envolve diversos aspectos, como a formação de sujeitos críticos e autônomos, a participação dos estudantes na construção do conhecimento e a importância da relação entre professor e aluno. Nesse sentido, é possível explorar algumas abordagens e estudos recentes sobre o tema.

Uma abordagem interessante é a da pedagogia crítica, que busca desenvolver a consciência crítica e a capacidade de transformação da realidade nos estudantes. Segundo Giroux (1997), a pedagogia crítica busca "desenvolver a habilidade de questionar o mundo tal como ele é, para imaginar o mundo tal como ele poderia ser". Para isso, é fundamental que os estudantes sejam protagonistas da sua própria

educação, participando ativamente da construção do conhecimento e do currículo.

Além disso, é importante destacar a importância da tecnologia na promoção da autonomia dos estudantes. Com o avanço das tecnologias digitais, é possível desenvolver novas estratégias pedagógicas que valorizem a autonomia dos estudantes e a construção colaborativa do conhecimento. Segundo Pereira et al. (2020), "as tecnologias digitais podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, permitindo que eles tenham mais controle sobre o processo de aprendizagem e ampliando as possibilidades de construção do conhecimento".

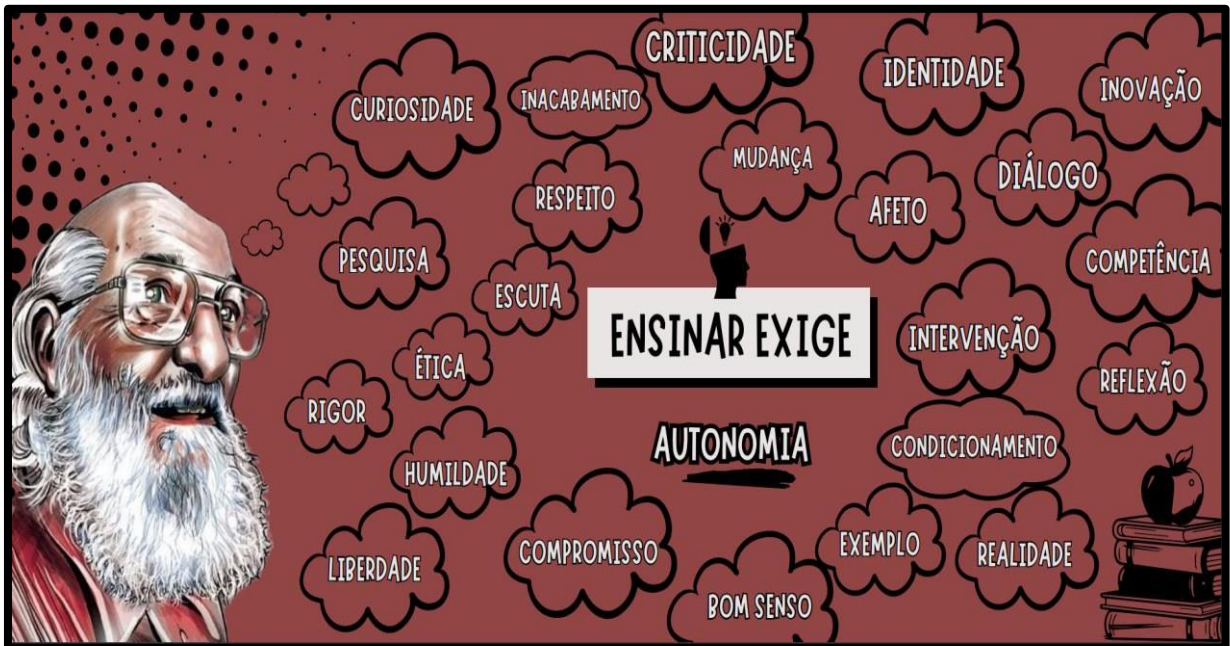
Como já descrito anteriormente, quem discute e aborda de maneira única a autonomia é Paulo Freire, em sua teoria da educação libertadora e na pedagogia da autonomia. Para ele, a autonomia é uma capacidade que deve ser desenvolvida através da educação, que deve ser libertadora e crítica. Segundo Freire, a educação deve ajudar os indivíduos a se tornarem sujeitos autônomos, capazes de refletir criticamente sobre a realidade e transformá-la (Pereira, 2014).

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre (Freire, 1996, p. 32).

Desse modo, pode ser visto a crítica de Freire perante a hipocrisia de educadores que pregam democracia e liberdade, mas na prática impõem suas vontades de maneira autoritária sobre os alunos. Essa discrepância entre discurso e prática não só irrita os educandos, mas também desmoraliza o educador, tornando seu discurso ineficaz e sem credibilidade. A coerência entre o que o educador diz e faz é fundamental para estabelecer um ambiente educativo verdadeiro e respeitoso, onde a autonomia e dignidade dos alunos são realmente valorizadas e promovidas.

No livro de Freire, *Pedagogia da Autonomia* é descrito que "a autonomia é um tema que sempre perdurará na educação contemporânea, especialmente no contexto da formação de sujeitos" (Freire, 1996, p. 32).

Figura 4: Mapa mental do livro Pedagogia da Autonomia



Fonte: Adaptação da autora a partir das ideias de Paulo Freire (2024)

A busca pela autonomia na educação está diretamente relacionada à filosofia da práxis, que tem como objetivo a formação de indivíduos capazes de compreender a realidade, refletir criticamente sobre ela e transformá-la de forma consciente e coletiva. Nesse sentido, a autonomia não é uma característica que alguém possui de imediato e depois decide como utilizá-la. Ela é construída ao longo do tempo, através de múltiplas decisões e experiências. Cada escolha feita contribui para o desenvolvimento dessa autonomia.

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (Freire, 1996, p.55).

Além desse espectro apresentado, Freire aborda o papel ético fundamental do educador em relação aos seus alunos, independentemente da idade deles. O educador enfatiza que o respeito à autonomia e dignidade de cada indivíduo não é

uma escolha opcional, mas um imperativo ético. Esse respeito não deve ser visto como um favor concedido, mas como uma obrigação moral inalienável (Freire, 1996, p. 55).

Já que ele aponta argumentando que a consciência do inacabamento humano torna seres éticos, pois constantemente está em processo de formação e desenvolvimento. Portanto, qualquer desrespeito a essa ética, como ignorar a curiosidade do aluno, menosprezar suas expressões estéticas, desencorajar sua inquietude ou desvalorizar sua linguagem e expressão, constitui uma transgressão grave.

A verdadeira dialogicidade, princípio fundamental da teoria freiriana, onde os sujeitos educacionais aprendem e crescem na diferença e no respeito à diversidade, é essencial para promover um ambiente educacional ético. Ou seja, não podendo existir de forma alguma discriminação, como o machismo, racismo, ou classismo, destacando que essas atitudes são transgressões da natureza humana e nunca devem ser justificadas. “Lutar contra todas as formas de discriminação é um dever moral, mesmo reconhecendo os desafios e condicionamentos sociais que existem” (Freire, 1996, p. 31).

Diante disso, essa dimensão educacional requer que os educadores estejam presentes de forma respeitosa na experiência formativa dos alunos, incentivando a expressão autêntica e a construção da autonomia.

A partir da apresentação do sentido e significado embutido na autonomia para este trabalho, é fundamental estabelecer a associação entre autonomia, filosofia da práxis e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Como será demonstrado adiante, essa tríade fornecerá a base para a produção da autobiografia de uma "ex-aluna" da EJA como um modo de resistência a um sistema que, muitas vezes, ignora as necessidades e direitos ao estudo de Jovens e Adultos. Tal situação é evidenciada pelo fechamento de escolas de EJA em diversos estados brasileiros:

Figura 5: Algumas reportagens sobre o fechamento das EJA's no Brasil

**Brasil de Fato**  
UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO

Opinião Política Direitos Humanos Cultura Geral Saúde Internacional Especiais Rúdio

INÍCIO > GERAL  
EDUCAÇÃO

### Governo do PR fecha escolas EJA, do Campo e dificulta acesso à educação

Desde 2019, foram encerradas oferta EJA Médio e Fundamental em 81 locais; em 2024, mais escolas devem ser fechadas

Ana Carolina Caldas  
Brasil de Fato | Curitiba (PR) | 07 de dezembro de 2023 às 14:21

**Nossas comunidades morrem sem a Escola do Campo!**

**PARANÁ RPC**

### Diretores de 9 colégios estaduais de Curitiba são comunicados sobre encerramento de EJA

Segundo Secretaria de Educação, medida se trata de reorganização da modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Pasta disse que mudanças devem atingir mil alunos.

Por g1 PR — Curitiba  
14/11/2023 13h53 - Atualizado há 7 meses

### Lutam diariamente contra o fechamento de turmas da EJA!

30 de junho de 2023 | audiência pública, educação de jovens e adultos, eja

**CONTRA O FECHAMENTO DE SALAS DA EJA!**  
Em defesa da Educação de Jovens e Adultos!  
Seguiremos lutando em defesa da EJA!

Um levantamento feito pelo jornal Mural, revelou que entre 2019 e 2022, pelo menos 322 turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram fechadas na cidade de São Paulo. O número de matrículas da EJA caiu 35% nesse período (1 em cada 3 educandos abandonou a escola!).

### Denúncia ao Ministério Público Federal – Diminuição das matrículas e o consequente fechamento de escolas na educação de jovens e adultos (EJA) no estado do Rio de Janeiro

ANAPLAYA / 28 DE MARÇO DE 2024

Metadados Documento

Título: Denúncia ao Ministério Público Federal - Diminuição das matrículas e o consequente fechamento de escolas na educação de jovens e adultos (EJA) no estado do Rio de Janeiro

Assunto: Administrativo - Administração da educação | EJA - Educação de jovens e adultos

Ano de Publicação: Década de 2010 - 2016

Data de publicação: dezembro de 2016

**SP: fechamento de turmas dificulta retorno de adultos à educação**

Nos últimos 4 anos, mais de 300 turmas foram fechadas

### Matrículas na EJA/EF em Alvorada 2016 a 2022

Ano	Estadual	Municipal	Privada
2016	686	68	578
2017	82	701	61
2018	66	693	323
2019	38	69	210
2020	20	1.724	20
2021	20	1.723	20
2022	20	1.723	20

Fonte: INEP - Síntese Estatísticas da Educação Básica

### Além de atacar os profissionais da educação, Governo Apollo quer fechar o EJA

Não é de hoje que o presidente do SIMA, Rodinei Rosseto, denuncia que o Sistema de Educação de Alvorada está retrocedendo. Fazem pelo menos cinco anos que novas salas de aula não são construídas, nem são criadas novas escolas – a não ser as três escolas infantis inauguradas por esta gestão, mas que já estavam em processo de implementação quando assumiram o governo. Agora, depois de arrochar os profissionais do setor e descumprir o piso do Magistério, o Governo Apollo voltou-se contra a Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma modalidade de ensino criada para todos os níveis da Educação Básica do país, que é destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada.

Fonte: Caldas(2023), RPC (2023), Giannazi (2023), Fóruns EJA (2024), Casalino (2023) e Ilha (2023)

Essa tendência, apresentada na Figura 5, reflete não apenas uma negligência em relação ao direito à educação de milhares de brasileiros, mas também a falta de

valorização de um modelo educacional essencial para aqueles que, por múltiplas razões, não tiveram acesso à educação formal.

A EJA desempenha um papel crucial na formação de cidadãos que buscam complementar/finalizar os estudos, oferecendo uma segunda oportunidade para que possam completar sua educação básica e, em muitos casos, adquirir habilidades que facilitem sua inserção no mercado de trabalho. Contudo, o encerramento de muitas dessas escolas tem deixado inúmeros jovens e adultos sem alternativas viáveis para continuar seus estudos.

Os motivos para o fechamento das escolas de EJA são diversos e complexos. Entre eles, destacam-se a falta de investimento público, a redução de verbas destinadas à educação, a baixa valorização dos profissionais da EJA e a ausência de políticas públicas eficazes que garantam a continuidade e a expansão desses programas.

O impacto do fechamento dessas escolas é profundo. Ele atinge diretamente a população mais vulnerável, incluindo trabalhadores informais, desempregados, idosos e jovens em situação de risco. Para muitos desses indivíduos, a EJA não é apenas um espaço de aprendizado, mas também um ambiente de acolhimento e socialização, onde podem partilhar suas experiências e encontrar apoio para superar suas dificuldades.

Dessa forma, perante essa problemática que está emergindo no cenário educacional brasileiro, realizar uma autobiografia sobre uma aluna que se formou na EJA e atualmente está finalizando seu curso de licenciatura em Filosofia em uma universidade federal para se tornar professora é um ato de resistência e combate às negligências, além de estabelecer a autonomia do aluno que advém desse ensino.

A produção de autobiografias permite refletir sobre as próprias histórias de vida, reconhecer suas experiências e transformações e, principalmente, valorizarem suas trajetórias como partes essenciais de sua identidade e aprendizado.

A filosofia da práxis, que enfatiza a ação refletida e a reflexão sobre a ação como meios de transformação social, é central nesse contexto. Ela oferece o suporte teórico para que os educadores promovam uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas que também capacita os alunos a serem críticos e autônomos. Nesse sentido, escrever uma autobiografia se torna um ato onde os alunos reivindicam suas vozes e narrativas, muitas vezes silenciadas ou marginalizadas. Este processo é um exercício de autonomia, pois ao escrever suas histórias, os alunos

exercem o controle sobre suas narrativas, analisam suas experiências e desenvolvem um olhar crítico sobre suas vidas e o mundo ao seu redor.

Assim, a prática autobiográfica, respaldada pela filosofia da práxis, não só fortalece a autonomia do ser individual, mas também os capacita a ser agente de sua própria história e transformação, promovendo uma educação verdadeiramente libertadora e crítica.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia a ser empregada durante o desenvolvimento do TCC, será a partir da minha autobiografia, principalmente no tocante a minha trajetória como aluna da EJA. Na construção do percurso metodológico elegemos o método autobiográfico enquanto possibilidade metodológica pelas características peculiares do mesmo no que tange à liberdade de pensamentos, ideias e no desenvolvimento da autoformação e reflexividade crítica mediadas pelas narrativas.

Adotamos a narrativa oral como instrumento de investigação, pois ela nos possibilita a construção de informações que, segundo Molina Neto (2015, p. 20), nos levarão a compreender os significados que os indivíduos atribuem à sua trajetória formativa e profissional. Como afirma o autor, *“narrar é considerar percursos de vida e entrar em contato com as lembranças (distantes ou próximas), sentimentos e subjetividades, ou seja, é caminhar para si”*.

Nóvoa (2010) destaca que a utilização de abordagens biográficas no campo educacional vem crescendo consideravelmente nos últimos anos, como resultado de uma insatisfação com o tipo de saber produzido nas investigações das ciências sociais. Para Nóvoa (2010,p.19), esse “movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores”.

O autor aponta o conhecimento produzido a partir da pessoa do professor como o outro tipo de conhecimento necessário, pois desta forma estaria lançando olhares para questões referentes a como se tornou o professor que é hoje, que influencia a vida pessoal teve na profissional e vice-versa e ainda, que fatos marcaram a escolha profissional.

A pesquisa (auto)biográfica, segundo Abrahão (2017, p.202), “é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela para si, e se revela para os demais”. As (auto)biografias são construídas por narrativas onde se desvelam trajetórias de vida com a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento.

Desta forma, trabalhamos “antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo” (ABRAHÃO, 2017, p.203).

As narrativas permitem, também, que o narrador se reencontre consigo mesmo, pois permite a compreensão e a autoreflexão das experiências vividas. A ação e a reflexão sobre a trajetória de vida pessoal e profissional revelam experiências construídas ao longo da trajetória de vida pessoal e profissional revelam experiências construídas ao longo da vida que transformam as narrativas em momentos bastante férteis de produção de conhecimentos, contribuindo para desvelar identidades e realçar subjetividades inseridas em experiências particulares ou sociais.

A preferência pelo método autobiográfico dá-se pelo seu viés qualitativo, que foge às regras estabelecidas pelas Ciências Sociais. Trata-se de um método autônomo, subjetivo. Conforme Ferrarotti (2017, p.139) :

A escrita da narrativa potencializa no sujeito o contato com sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si, ao configurar-se como atividade formadora porque remete o sujeito para uma posição de aprendiz e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais. Desta forma, enquanto atividade formadora, a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como processo de formação e de conhecimentos, porque se ancora nos recursos experienciais engendrados nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento.

Narrativas referentes a trajetória acadêmica acabam por revelar o que as escolhas, neste caso optamos pela utilização da narrativa oral como instrumento dessa investigação.

Nesta perspectiva, Abrahão (2017) acredita que a memória é o elemento-chave para o pesquisador, pois desenvolve suas ações para rememorar elementos que permitem a compreensão do sujeito, articulando memória e conhecimento.

Assim, buscamos analisar como a autora percebe a sua trajetória e compreende os movimentos de construção do ser professora e que articulações construíram em relação às aprendizagens ocorridas no curso de formação desenvolvido no espaço da Universidade Federal da Integração Latino America Unila, no curso de Filosofia.

## 4. A MINHA AUTOBIOGRAFIA

Neste momento, estou apresentando a vocês, leitores, meu trabalho de conclusão de curso de Filosofia Licenciatura. Por meio deste, tenho o objetivo de apresentar minha autobiografia com o propósito de explicar como é a vida de uma pessoa que teve que abandonar os estudos para se dedicar à família e ao lar. Me emociono escrevendo esta parte do meu trabalho, pois o objeto de estudo extrapola a visão unilateral do pesquisador. Uma metalinguagem é necessária para concluir este passo acadêmico.

Assim, iniciarei a autobiografia da jovem que se tornou professora aos 63 anos, através daquilo que me fez estar inserida na universidade: a educação. Para entender minha transformação educacional por meio da EJA e da UNILA, é importante conhecer minha trajetória de vida.

### 4.1 A IDENTIFICAÇÃO: FORMAÇÃO SOCIAL, FAMILIAR E CULTURAL

Meu nome é Albina Martinez, tenho 63 anos. Sou mãe de três filhos, dois meninos e uma menina, e sou casada a 45 anos, desde os 16 anos de idade. Nasci em Foz do Iguaçu – PR, no dia 15/09/1961.

Figura 6: Meu casamento



Fonte: Acervo da autora (2024)

Atualmente, minha família vive em um contexto de classe média. Quando me casei com meu esposo, em fevereiro de 1977, nós sempre trabalhamos muito, realmente muito, mesmo com a chegada dos filhos. Sempre estivemos focados em trabalhar arduamente para comprar uma casa própria, um carro, e proporcionar uma melhor qualidade de vida.

Minha família, apesar de todas as dificuldades, conseguiu se manter unida e centrada em valores éticos e morais. Sempre quis que meus filhos tivessem o melhor, então incentivava eles a estudar. Eu dizia: "Vamos estudar, vocês não querem ser apenas mais um número nas estatísticas. Se vocês não estudarem, não conseguirão alcançar nada. Se querem conquistar alguma coisa, têm que estudar. Não existe um plano B, é estudar e estudar."

Figura 7: Minha família



Fonte: Acervo da autora (2024)

Recentemente, eu estava muito atarefada, com tantos textos e tantas coisas para fazer, que tudo parecia muito difícil. Fiquei muito cansada, estressada, e disse para minha filha que não estava conseguindo acompanhar, especialmente porque tive uma educação muito deficiente. Mesmo assim, ela me disse: *Vamos, mãe, força! Estude, ou você quer ser mais um número nas estatísticas?*

Em relação a essa parte dos estudos que relato, minhas primeiras experiências na escola não foram tão boas. Na primeira série, apesar da vontade de aprender, foi muito difícil por eu ser canhota. Minha professora na época me obrigava a escrever com a mão direita e me deixava de castigo, sem recreio, por não atender a essa

expectativa de escrita. Até eu aprender a escrever com a mão direita, por pura ignorância e prepotência dela, sofri bastante. Ela dizia: "Vou fazer essa menina virar gente, pois a pessoa já nasce assim, já determinado no nascimento." Aprendi a escrever com a mão direita, mas apenas isso, pois outras atividades faço com a mão esquerda, como usar faca, tesoura e outras tarefas.

Mas, o pior estava por chegar, com muita discriminação e bullying pela minha origem humilde e por ser filha de imigrantes. Por mais que eu fosse natural do Paraná e da cidade, me discriminavam em sala de aula, mesmo nascendo na Santa Casa de Foz do Iguaçu – como disse o poeta Fernando Pessoa: "Tenho em mim todos os sonhos do mundo." Por isso, enfrentei todas as adversidades para chegar à universidade e cursar Filosofia. Um sonho adiado por 42 anos. Por trás desse sonho existia uma menina que teve que aprender a enfrentar tudo isso, o que me deu ainda mais motivação para estudar. Como prometido à minha mãe, terminei a terceira série, sabia ler e somar, mas eu queria mais.

Combinamos que eu estudaria pela manhã e trabalharia à tarde na feira para ajudar no sustento da família, e assim cheguei até a sexta série. Aconteceu que um casal de amigos se ofereceu para me ajudar com os estudos na cidade de Cascavel. Eu ajudaria na casa com as crianças, fiquei feliz e fui com eles. Mas a felicidade logo se tornou um pesadelo. Na realidade, como nas casas de antigamente, eu me transformei em uma mini empregada doméstica, sem salário, pois eles estavam me abrigando e "pagando" meus estudos, que na realidade era colégio público, acordava cedo, preparava o café, arrumava os filhos deles e ia junto à escola. Na volta, eu limpava a casa, passava roupa e não sobrava tempo para estudar, indo dormir muito tarde depois de lavar a louça do jantar.

Figura 8: Uma jovem estudante



Fonte: Acervo da autora (2024)

Em Cascavel, cursei a sexta e a sétima série pela metade. Essa dura rotina de trabalho para uma menina de 11 ou 12 anos de idade era muito cansativa. Não aguentei mais, voltei para casa, larguei os estudos e fui trabalhar como vendedora com 14 anos. Aos 16, me casei. Assim, o sonho de estudar ficou adormecido bem dentro do meu ser.

Sobre meu contexto familiar e social anterior ao meu casamento, a história foi muito triste, mas isso não significa que tenha sido a pior. Na verdade, poderia ter sido bem pior. Minha mãe e meu pai viviam no interior do Paraguai, em um sítio. Minha mãe tinha três filhos e vivíamos em meio ao Golpe Militar no Paraguai e à ditadura militar na América Latina. Nesse contexto político e social, meu pai, por divergências políticas, segundo me contaram, foi preso. Naquela época, o General Alfredo Stroessner assumiu o poder no Paraguai, instaurando a ditadura mais longa da América Latina. Não se podia ser oposição; quem era oposição era preso, levado para o interior, e muitas vezes a família nunca mais ouvia falar da pessoa. Ou estavam presos, ou mortos, ou desaparecidos.

Minha mãe, então, deixou meus irmãos com meus avós e resolveu vir ao Brasil para trabalhar. Ela veio grávida de mim, carregando apenas um pacotinho na barriga. Por isso, acabei nascendo na Santa Casa de Foz do Iguaçu. Minha mãe sofreu muita discriminação e humilhação, mas, enfim, eu nasci aqui. Ela tinha um bebê pequeno e nunca mais ouviu falar do meu pai, até que o reencontrei quando já estava casada, no fim da ditadura militar, nos anos 80.

Como ele nunca mais voltou, acabou indo para a Argentina, creio eu, e nunca

mais ouviu falar da minha mãe, e minha mãe muito menos dele. Cada um formou uma nova família, e assim minha mãe se viu sozinha para criar todos os filhos. Ela teve sete filhos, e, vendo o exemplo dela, aprendi que é preciso ser forte. Eu sempre procurei ser forte, e acredito que sou, porque venho de uma longa linhagem de mulheres fortes. No Paraguai, ou em Guarani, dizemos “Kuña mbarete”, que significa mulher forte, e “kuña guapa”, que significa mulher trabalhadora e valente. Minha mãe foi tudo isso.

Imagine minha mãe vivendo em uma ex-colônia militar, localizada no atual município de Foz do Iguaçu, enfrentando muito racismo, discriminação e desprezo. Minha mãe, depois de um tempo, voltou a morar no campo, dedicando-se à agricultura, pois aqui na cidade ela não conseguia sustentar a família. Ela permaneceu no campo até a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, quando a propriedade onde morávamos foi inundada e ficou debaixo d'água.

Passei quase metade da minha vida no sítio, no campo, e a outra metade aqui na cidade de Foz do Iguaçu, que na época tinha cerca de 20 mil habitantes. Era uma cidade pequena, mas marcada por uma sociedade muito, muito racista.

Como mencionei anteriormente na minha autobiografia, sempre sonhei em voltar a estudar, mas não podia porque precisava trabalhar. Tinha três filhos para criar, e tudo o que eu e meu esposo queríamos era proporcionar uma vida melhor para eles. Nosso maior desejo era que nossos filhos pudessem frequentar a universidade e não passassem pelas dificuldades que eu enfrentei. Queria poder dar tudo a eles, mas o mais importante de tudo era o estudo. Sempre acreditei que, se eles tivessem uma boa educação, isso seria meio caminho andado, porque com um diploma na mão, poderiam ter uma vida melhor.

Abri mão dos meus sonhos para trabalhar. Meu esposo, apesar de ser formado em Administração de Empresas, também trabalhou muito. Nós éramos pequenos empresários, tínhamos uma lojinha de ferragens e artigos de caça e pesca. Trabalhávamos tanto que muitas vezes eu me sentia exausta e não tinha tempo para os meus filhos. Mas, na minha cabeça, o mais importante era garantir que eles tivessem uma boa educação, especialmente minha filha. Eu não queria que ela passasse pelas mesmas coisas que eu passei, como abuso, humilhação e bullying.

Essas dificuldades me deram mais força para enfrentar o mundo, e eu queria que minha filha tivesse um diploma para que não precisasse depender de homem nenhum, de ninguém. Infelizmente, mesmo na atualidade, muita coisa não mudou.

Minha filha é casada, tem dois filhos, é dentista, e tem uma vida melhor, claro, mas a responsabilidade pelo lar e pelos filhos ainda recai sobre a mulher. Sei que existem muitas pessoas, organizações, e políticas que se preocupam com a situação da mulher, mas, na prática, não mudou muita coisa. Acredito que apenas com a educação dos nossos filhos isso poderá mudar. As mulheres continuam ganhando menos que os homens, e enfrentam uma dupla jornada, trabalhando fora e depois voltando para casa para cuidar do lar, administrar o cotidiano e atender às necessidades dos filhos.

Nesse viés considera-se que autonomia é essencial para garantir uma assistência digna às mulheres, mas, na prática diária, a realidade é bem diferente.

#### 4.2 A BUSCA DA INDIVIDUALIDADE E A CONSTENTAÇÃO

Depois que meus filhos foram embora para estudar, ficamos só eu e meu esposo em casa. Com o tempo, começaram a surgir divergências entre nós. Um belo dia, ele me chamou de burra. Apesar de ter passado mais de 40 anos casada, sempre fui uma pessoa forte para o trabalho e dedicada à família, mas também era curiosa e contestadora. Nunca aceitei tudo o que ele dizia sem questionar.

Na minha juventude, eu era muito contestadora porque via muitas coisas ao meu redor que não me pareciam certas. Naquela época queria muito poder ler vários livros, mas para isso era preciso comprar-los e minha mãe dizia que tínhamos outras prioridades, e, realmente, quem ama coloca outras prioridades acima das suas próprias. Eu queria estudar, mas não tinha condições de comprar livros, e a situação financeira da família não permitia.

Agora, eu como mulher adulta e mãe de filhos com a vida encaminhada, estava decidida a mostrar que eu também podia buscar meus próprios objetivos. Meu esposo havia estudado em uma universidade particular, enquanto eu sonhava em estudar na Universidade Pública Federal. Eu queria provar que, apesar das dificuldades e das limitações impostas, eu também era capaz de conquistar meus sonhos.

Essa foi a motivação para eu voltar a estudar: queria proporcionar uma boa educação para meus filhos e garantir que nunca lhes faltasse nada, apesar das dificuldades financeiras que enfrentamos. Fizemos o melhor que podíamos, mas o maior desafio para mim ao voltar a estudar foi realmente a mudança de contexto. Eu

estudei em um período de governo militar, com um tipo de educação muito diferente da atual, que incluía aulas de moral e cívica, e religião, com um padre que dava as aulas sem questionamento sobre a denominação religiosa. Não havia aulas de filosofia, e o tipo de ensino era muito rígido.

Depois de 42, 43 anos, tive que terminar o Ensino Fundamental e lembrar o que aprendi naquele contexto histórico, ao mesmo tempo em que precisava aprender o novo contexto democrático. O retorno aos estudos foi difícil, e o ensino médio trouxe novas matérias e desafios, a partir daqui tenho o contato com a EJA :

Figura 9: Minhas professoras e meu diretor do CEEBJA



Fonte: Acervo da autora (2024)

No entanto, tive a sorte de contar com professores maravilhosos, cujos rostos e sorrisos, especialmente o do professor Aristóteles, ficarão comigo para o resto da minha vida. Além disso, o contexto histórico da ditadura militar e a Operação Condor, que envolvia a troca de prisioneiros entre países vizinhos como Argentina, Paraguai, Brasil, Chile, Uruguai e Bolívia, impactaram profundamente a realidade daquela época. Na Operação Condor, os regimes militares trocavam prisioneiros entre os países envolvidos, e isso afetava a vida das pessoas de maneiras cruéis e injustas. Agora, na democracia que vivemos, valorizo a liberdade de expressão que temos. Independentemente de sermos ricos ou humildes, podemos expressar nossas opiniões, e essa liberdade é algo que prezo muito.

Foi um momento muito marcante para mim. O professor Aristóteles, que nos ensinava sobre militarismo e discutia filmes relacionados, sempre dizia: "Menina, você sabe tanto! Você viveu aqui na fronteira, conviveu com essa gente, conhece muito da história, da sua cidade e do contexto da América Latina. Você tem que estar na universidade. Você deve cursar História, você deve estar na UNILA." Essas palavras me encorajaram imensamente e foram de grande ajuda para mim.

No dia da minha formatura na EJA, a conclusão do ensino médio, eu me senti extremamente feliz. Decidi guardar esse momento só para mim, sem avisar ninguém, nem mesmo meu marido, por causa da ansiedade que isso causava. Foi um momento maravilhoso, celebrado junto com meus colegas e professores. A minha vitória como aluna da EJA foi um dos melhores momentos da minha vida.

Quando estava terminando o Ensino Médio, o diretor anunciou na sala de aula que quem quisesse fazer a inscrição para o Enem deveria se inscrever. Eu pensei: "Mas eu nem tinha terminado o Ensino Médio ainda, faltavam duas ou três matérias para concluir." Então, decidi me inscrever no Encceja, um exame que permite concluir o Ensino Médio. No entanto, resolvi também me inscrever no Enem, só para sentir o desafio e ver como era, mesmo sabendo que seria difícil.

Quando recebi o resultado do Enem, não acreditei. Perguntei várias vezes se era realmente meu nome no resultado. Além do Enem também fiz alguns vestibulares nas universidades particulares da minha região, fui aprovada no processo seletivo também.

Para mim, a maior conquista, além de tudo o que aprendi com meus colegas e professores, foi passar no Enem e depois ingressar na universidade. Minha decisão de estudar Filosofia foi também uma decisão pessoal profunda.

#### 4.3 A DESCOBERTA DO NOVO EU/SER

Na adaptação à universidade, o início foi extremamente desafiador. Lembro-me até hoje do pavor que senti no primeiro dia de aula.

Figura 10: O sonho realizado



Fonte: Acervo da autora (2024)

Quando os professores chegaram à sala, todos se apresentaram e, em seguida, uma professora colocou um fragmento de texto de um filósofo que eu nunca havia ouvido falar. Para a maioria, era a primeira vez que se deparavam com aquele nome. Afinal, depois de 43 anos fora da sala de aula, retornar foi um grande choque. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o ensino é intensivo e resumido, e a Filosofia nunca foi parte do currículo até então.

A Filosofia foi particularmente difícil para mim. Embora eu estivesse tentando entender os textos e a teoria, frequentemente me sentia perdida. Quando os professores perguntavam se eu havia aprendido algo, eu respondia que estava ainda tentando entender o básico. Estudar Filosofia exigiu uma grande dedicação e, muitas vezes, tive a sensação de que estava apenas começando a compreender o conteúdo.

O filósofo Heráclito disse que “ninguém entra no mesmo rio uma segunda vez”, pois as águas e as coisas estão em constante transformação. Esse movimento de mudança foi muito claro para mim ao enfrentar os desafios acadêmicos. Apesar das dificuldades e da pandemia que afetou o aprendizado, acredito que os professores da UNILA, têm se tornado mais compreensivos com o tempo.

Uma ideia maravilhosa é a integração latino-americana proporcionada pela UNILA. A UNILA é um exemplo notável dessa integração, pois une os povos latino-americanos e promove um convívio enriquecedor com outras culturas e cosmovisões.

Eu me sinto dividida entre ser brasileira e paraguaia, já que fui criada no Paraguai, sou filha de paraguaios, mas também fui educada e cresci no Brasil. Essa experiência me faz sentir-me bem incluída nesse contexto de convivência e educação intercultural. É uma ideia extremamente feliz e benéfica, pois proporciona uma troca constante e um aprendizado contínuo. Convivendo com colegas venezuelanos, colombianos, haitianos e de outras nacionalidades, eu experimento a diversidade das culturas, suas danças, manifestações artísticas e culinária. É um momento maravilhoso, e eu tenho muito orgulho da minha universidade.

Ainda falando sobre a docência e discência na UNILA. Na escola, os professores geralmente são mais atenciosos, pois estão ali para orientar e ensinar o caminho. Já na universidade, a situação é diferente; você precisa correr atrás do seu próprio aprendizado. O professor chega na sala, passa um texto e depois vai embora, e você precisa se virar para entender o conteúdo. No entanto, com o tempo e especialmente após a pandemia, os professores também aprenderam a lição de

humildade e se tornaram mais compreensivos e abertos.

Houve uma mudança na forma como os professores se relacionam com os alunos. Alguns se tornaram mais participativos e menos distantes. Professores como a professora Catarina Costa Fernandes, que trabalha com educação inclusiva, professora Juliana Franzi, a professora Márcia Cossetin, Profa. Idete Teles dos Santos e o professor Miguel Ahumada Cristi, foram extremamente expressivos e mantiveram um diálogo aberto com os alunos. Esses foram os professores que mais marcaram a minha experiência acadêmica. Eles eram mais acessíveis e criaram um ambiente mais acolhedor.

Figura 11: Eu Professora



Fonte: Acervo da autora (2024)

Um dia, durante uma aula de estágio no Colégio JK<sup>19</sup> para os alunos da EJA, uma aluna me contou que só poderia estudar até às 21 horas, pois era o horário em que seu filho e marido voltavam do trabalho, e ela precisava estar em casa para servir o jantar. Eu disse a ela: *Mas eles são adultos, não podem se virar sozinhos?* E ela respondeu: *Não, eu não posso fazer isso. Meu marido e meu filho trabalham muito,*

<sup>19</sup> Colégio Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira, localizado em Foz do Iguaçu – PR.

*eles são os provedores da casa. Eu não trabalho, só fico em casa.*

É importante lembrar que o trabalho doméstico é um dos mais árduos que existe, além de ser não remunerado e sem reconhecimento. Por isso, eu disse a ela que, através da educação, é possível ensinar a autonomia. O objetivo é que ela saia da heteronomia, ou seja, dessa submissão à vontade dos outros, e compreenda que não precisa seguir eternamente nesse papel.

#### 4.4 PERTENCIMENTO, AUTODETERMINAÇÃO, LIBERDADE E O ENSINO

Queria estudar Filosofia porque ela é emancipadora e tem o poder de mudar a vida das pessoas, especialmente dos alunos. O pensamento crítico, livre e autônomo é uma ameaça para aqueles que detêm o poder. Talvez por isso, cada vez menos se ensine Filosofia nas escolas. A formação filosófica promove uma consciência mais participativa na sociedade, algo que vai além do que está escrito na Constituição, como a criatividade, a liberdade de pensamento, o desenvolvimento do pensamento crítico, a autoestima, e a empatia pelo próximo. Não devemos aceitar injustiças nem nos calar diante da opressão.

Eu também gostaria de ensinar meus alunos a refletir sobre suas crenças, sobre o que lhes foi ensinado, para que possam entender que, além do poder político e social, as instituições religiosas também influenciam comportamentos. É importante que eles não aceitem tudo que vem de cima sem questionar. Essa reflexão me traz uma descarga de sentimentos, quase como uma catarse provocada pela minha retrospectiva de vida.

Eu usaria uma frase do poeta e escritor espanhol Federico García Lorca, que acho mais bonita em espanhol. Lorca, que foi fuzilado pelas autoridades franquistas durante a ditadura de Franco na Espanha, no dia 18 de agosto de 1936, disse uma vez: “Yo, si tuviera hambre y estuviera desvalido en la calle no pediría un pan; sino que pediría medio pan y un libro.” Na tradução para o português entende-se: “Se eu estivesse desvalido na rua, não pediria um pão, mas sim pediria meio pão e um livro.” Essa frase reflete minha visão sobre a importância dos livros, da cultura e do conhecimento. A educação nos transforma e nos faz entender que o homem não vive só de pão, mas também de saber.

Também tenho muita pena de uma pessoa que queira aprender a ler e não possa. Considero isso pior do que a fome, pois quem tem fome pode acalmar sua

fome com um pedaço de pão ou uma fruta, mas uma pessoa que tem ânsia de saber e não tem condições é terrível. Para complementar essa reflexão, cito meu autor favorito, Gabriel García Márquez, que dizia: "A vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente recorda, e como recorda para contá-la."

No meu primeiro dia de estágio no Colégio Juscelino Kubitschek de Oliveira, cheguei com meus colegas, ansiosos e um pouco nervosos. Fomos recebidos pela professora de Filosofia, que nos acolheu muito bem e nos deu muita segurança. Ela nos entregou a sala de aula e disse: *Vocês podem dar aula, eu só vou observar.* Pegamos os livros de Filosofia e começamos a distribuí-los para os alunos.

Nossa primeira aula foi sobre Filosofia Política, e mencionamos o Mito da Caverna de Platão. Foi um dia muito marcante.

Figura 12: Professora Dayane me presenteou com uma caixa de giz e um apagador, me senti professora



Fonte: Acervo da autora (2024)

A professora Dayane, em um gesto de carinho e para me deixar mais segura, me presenteou com uma caixa de giz e um apagador com meu nome. Isso foi muito emocionante e me fez sentir de fato como uma professora.

Além dos dois estágios obrigatórios, também participei da Residência Pedagógica, um projeto da UNILA, que foi uma experiência muito enriquecedora. Participei da organização da Semana Acadêmica do SIEPE nos anos de 2022 e 2023, a Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão, onde tive a oportunidade de contribuir com diversas atividades.

Também fui secretária acadêmica do Centro Acadêmico de Filosofia (CAFIL),

o que me proporcionou um espaço para trocar ideias e conhecimentos com colegas e professores.

Figura 13: CAFIL



Fonte: Acervo da autora (2024)

A juventude dos meus colegas me guiava e me rejuvenescia nesse meu momento de autonomia.

Figura 14: O girassol



Fonte: Acervo da autora (2024)

Eu me identifico com o girassol, que se volta para a luz. Espero ser sempre uma fonte de luz na vida de alguém. Ao refletir sobre minha jornada acadêmica e o momento em que meu esposo e eu sentimos que vencemos, agradeço imensamente a todos que me apoiaram. A orientação da minha querida professora Catarina e da ,também professora, Idete Teles e o suporte de todos os meus colegas e professores foram fundamentais.

Figura 15: Meus Filhos do coração



Fonte: Acervo da autora (2024)

Um agradecimento especial também aos servidores da UNILA, especialmente do Instituto ILAESP. Finalmente, gostaria de expressar minha gratidão aos meus filhos do coração, Lucas Azevedo e Rodrigo Lenharo Perim, que estiveram ao meu lado em toda essa jornada.

Minha jornada, compreendo, está apenas começando no campo do ensino. Agora, neste momento, através da autonomia da práxis que aprendi estudando em 5 anos da Licenciatura em Filosofia na UNILA e, posso hoje me caracterizar como aluna, estudante, secretária acadêmica, congressista e, por último e não menos importante, futura professora.

Por meio do processo seletivo do Paraná para a contratação de professores, alcancei a fase que tanto almejava em minha trajetória: a concretização do sonho de me tornar professora de Filosofia em uma escola pública. Contudo, realizar um sonho não se restringe a um mero desejo utópico. Durante a escolha das escolas para minha atuação, constatei que o mesmo colégio onde concluí meus estudos precisava de professor de filosofia.

Figura 16: Sou professora

**NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO – FOZ DO IGUAÇU**  
Município: Foz do Iguaçu

**Memorando de Encaminhamento QPM/ SC02/ PSS Distribuição de Aulas/vagas**

Disciplina: <i>Filosofia</i>		Telefone: [REDACTED]	
Nome: <i>Alberto Martins</i>		Turmas:	
CPF: [REDACTED]	Vínculo: <i>REPP</i>		
	MAT	VESP	NOT
	D S	D S	D S
Estabelecimento			
1 <i>Escola Princesa</i>	<i>02</i>		
2			
3			
4			
5			
6			

É de responsabilidade do professor, saber do seu potencial/carga horária para participar da distribuição de aulas, de modo a não ultrapassar 30 aulas. A não observância pode acarretar prejuízo ao mesmo. Observar as exceções.

**O servidor DEVERÁ apresentar-se IMEDIATAMENTE, ao Diretor e/ou Secretária responsável pelo(s) Estabelecimento(s) acima citado(s), caso contrário será considerado DESISTENTE.**

Núcleo Regional de Educação  
Rua Quintino Bocaiuva, nº 429  
Fone: (45) 3520-4000  
FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Foz do Iguaçu, *03* de *08* de 2024

Fonte: Acervo da autora (2024)

Hoje, o cenário que me cerca em minha atuação profissional é o mesmo onde eu havia chegado para concluir o ensino fundamental e médio. Não no sentido

circunstancial, mas físico, pois é o local onde conheci histórias como a minha. Histórias de estrangeiros que vieram em busca de melhores condições de vida, de mães que buscavam melhorar sua educação para criar seus filhos e de trabalhadores que precisavam finalizar o ensino médio para progredir. Para mim, esse lugar continua sendo um espaço de transformação pessoal e social, onde novas histórias continuam se entrelaçando, contribuindo para a construção de futuros mais promissores.

Figura 17: Colégio CEEBJA, onde estudei e atualmente sou professora



Fonte: Acervo da autora (2024)

Um sonho pode permanecer adormecido por 42 anos, mas nunca morre naqueles que carregam a chama da liberdade e da autonomia para realizá-lo. Assim, minha busca por autonomia e práxis foi o caminho que me levou a conquistar essa profissão. E assim, coloco em minha mente que talvez tudo poderia ser obra do acaso ou uma linha marcada para acontecer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Usar as narrativas como forma de reflexão sobre a trajetória no curso de Filosofia da UNILA buscou evidenciar alguns aspectos decisivos decorrentes dos percursos formativos que estão subjacentes às perspectivas dessa trajetória. Quando optamos por uma profissão, o que nos motiva a essa escolha são as identificações e os saberes que adquirimos com base em nossas experiências e vivências, os quais fazem parte da nossa trajetória de vida.

Dessa forma, os aspectos revelados nas narrativas envolvem memórias adormecidas, que foram sendo reacendidas, levando-me a indagar os 'porquês' que se encontraram ao revisitar o passado. São essas lembranças, representações e imagens que, em nossa memória, nos constroem como pessoas e profissionais, e é assim que vamos tecendo nossa trajetória

Ser aluna da EJA , me faz afirmar com certeza que essa modalidade de ensino contriui de forma significativa a pessoas que não estudaram ou não finalizaram os estudos por inúmeros motivos, vendo na EJA uma forma de iniciar ou dar continuidade aos estudos com expectativa de mudanças, transformações em suas vidas como aconteceu comigo.

Percebi em cinco anos de licenciatura que para chegar onde estou, o instrumento para esse caminho foi a filosofia da práxis, que une teoria e prática para promover a transformação social, se revela essencial na educação, especialmente quando aplicada à visão de Paulo Freire. Para mim, a práxis não é apenas uma abordagem teórica, mas uma forma de ação concreta e reflexiva que visa transformar a realidade social e educacional. Freire, ao adaptar essa filosofia ao contexto educacional, me ensinou que a educação deve ser um espaço de diálogo, autonomia e conscientização. Ele destacou a importância de respeitar a dignidade e a identidade dos alunos, defendendo uma prática educativa que se alinha com os princípios de liberdade e justiça social.

Reconheço que a autonomia, entendida como a capacidade de agir de forma independente e consciente, é um objetivo fundamental na educação. A teoria da práxis oferece um caminho para alcançá-la, desafiando-nos a criar ambientes educacionais que não apenas transmitam conhecimento, mas que também capacitem os alunos a serem críticos e autônomos. No entanto, sei que a implementação dessa filosofia enfrenta desafios significativos, como as políticas neoliberais e a desvalorização da

educação pública, que afetam diretamente a educação de jovens e adultos.

Para mim, a produção de autobiografias de ex-alunos da EJA surge como um poderoso ato de resistência e afirmação. Essas histórias pessoais não apenas revelam a importância da educação para a transformação individual e social, mas também destacam a relevância da práxis na promoção de uma educação verdadeiramente libertadora. Escrever sobre essas trajetórias é um exercício de autonomia, onde os alunos reivindicam suas vozes e experiências, refletindo sobre suas vidas e contribuindo para uma compreensão mais ampla da realidade.

Assim, acredito que, para transformar efetivamente a educação e a sociedade, é fundamental continuar defendendo e aplicando a filosofia da práxis. A educação deve ser um processo dinâmico e reflexivo, onde a autonomia dos indivíduos é promovida e respeitada, e onde todos os atores educacionais se empenham em criar um ambiente de aprendizado crítico e transformador. A filosofia da práxis oferece o caminho para a autonomia de qualquer, reafirmando, qualquer indivíduo. Seja na educação, âmbito social e cultural.

Hodiernamente, concluo este trabalho reafirmando a importância da minha trajetória educacional como um exemplo vivo do impacto transformador da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da minha formação em Filosofia. Ao longo deste percurso, minhas vivências e reflexões não apenas moldaram minha identidade docente, mas também me proporcionaram uma compreensão profunda do papel da educação como instrumento de mudança social. A metodologia autobiográfica que utilizei permitiu-me revisitar criticamente minha jornada, destacando a filosofia da práxis como essencial para promover uma educação que, além de formar, emancipa.

Este trabalho demonstrou que a EJA, aliada a uma abordagem filosófica crítica e à valorização das narrativas autobiográficas, pode ser um espaço poderoso para a emancipação dos sujeitos, oferecendo-lhes as ferramentas necessárias para que se tornem agentes ativos na construção do conhecimento e da sociedade.

Esse movimento é essencial para a EJA, pois os alunos que buscam essa modalidade não estão apenas em busca de ensino restaurado, mas também de pertencimento e reconhecimento de seu valor perante a sociedade. Seja uma ideia, uma ação, uma criação ou um sentimento, todos nós precisamos de acolhimento e orientação no processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, o destino me trouxe de volta ao lugar onde um dia sonhei em transformar minha vida por meio do ensino. Hoje, como professora no CEEBJA, tenho a oportunidade de testemunhar e contribuir para que outros alunos também vivenciem o mesmo processo de transformação e autonomia que eu experimentei. Estou comprometida em fazer o possível para que eles encontrem, assim como eu encontrei, o caminho para a realização pessoal e acadêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org). **A aventura autobiográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPURS, 2017.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARBER, B. **Strong democracy: Participatory politics for a new age**. University of California Press, 1984.
- BRASIL. **Educação Popular**. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal. 1988.
- \_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal. 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental**. MEC. Brasília, 1997.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. **Parecer 11/2000, CEB**, Brasília, 2000. (Última versão aprovada em 10/5/2000).
- CALDAS, A. C. Governo do PR fecha escolas EJA, do Campo e dificulta acesso à educação. **Brasil de Fato**, 2023. Disponível em: <[https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-06/sp-fechamento-de-turmas-dificulta-retorno-de-adultos-educacao](https://www.brasildefato.com.br/2023/12/07/governo-do-pr-fecha-escolas-eja-do-campo-e-dificulta-acesso-a-educacao#:~:text=Desde%202019%2C%20foram%20encerradas%20oferta,mais%20escolas%20devem%20ser%20fechadas&text=O%20Governador%20Ratinho%20JC3%BAnior%20(>. Acesso em: 21 junho 2024.</p>
<p>CANEN, A. <b>Educação de jovens e adultos</b>. Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2016.</p>
<p>CASALINO, V. SP: fechamento de turmas dificulta retorno de adultos à educação. <b>Agência Brasil</b>, 2023. Disponível em: <<a href=)>. Acesso em: 21 junho 2024.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health**. Canadian Psychology/Psychologie Canadienne, v.49, n.3, p. 182-185, 2008.
- \_\_\_\_\_. **The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the selfdetermination of behavior**. Psychological Inquiry, v.11, n.4, p. 227-268, 2000.
- DI PIERRO, M. C. **A práxis pedagógica: pressupostos teóricos**. Editora UNESP, 2003.
- EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. **O currículo na Educação de Jovens e Adultos:**

**entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação. Mestrado em Educação. Belo Horizonte, 2014.

FÓRUNS EJA. Denúncia ao Ministério Público Federal – Diminuição das matrículas e o conseqüente fechamento de escolas na educação de jovens e adultos (EJA) no estado do Rio de Janeiro. **Fóruns EJA**, 2024. Disponível em: <<https://desenvolvimento.forumeja.org.br/rio-de-janeiro/denuncia-ao-ministerio-publico-federal-diminuicao-das-matriculas-e-o-consequente-fechamento-de-escolas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-eja-no-estado-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 21 junho 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativ.** 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FTD, Educação. Enem 2018, 2018. Disponível em: <<https://resolve.ftd.com.br/caderno-prova-amarela-1-dia-enem-2018/questao/7>>. Acesso em: 21 junho 2024.

GADOTTI, M., & ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos: teoria prática e proposta.** São Paulo: Cortez, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artmed, 2012

GIANNAZI, C. Lutamos diariamente contra o fechamento de turmas da EJA. **Celso Giannazi**, 2023. Disponível em: <<https://celsogiannazi.com.br/2023/06/lutamos-diariamente-contr-o-fechamento-de-turmas-da-eja/>>. Acesso em: junho 21 2024.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

hooks, bell. **Ensinado a Transgredir.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ILHA, R. Além de atacar os profissionais da educação, Governo Apollo quer fechar o EJA. **SIMA**, 2023. Disponível em: <<https://sima-alvorada.com.br/alem-de-atacar-os-profissionais-da-educacao-governo-apollo-quer-fechar-o-eja/>>. Acesso em: 21 junho 2024.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MOLINA NETO, José Carlos. **Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a).** Movimento, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/movimento/article/view/2904/1540>.

Acesso em: 02/03/2024.

MOTTA, M. G. C. **Educação de jovens e adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**. 5ª ed. Curitiba: educarte, 2017.

NASCIMENTO, Sandra Mara do. **Educação de jovens e adultos EJA, na visão de Paulo Freire**. 2013. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paranavaí, 2013.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 12ª. ed. Porto: Porto Editora, 2010.

PAIVA, P. Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. 8ª Ed. São Paulo: Loyola, 2016.

PEREIRA, Maria Rita Nascimento. **A contribuição de Paulo Freire e Enrique Dussel para a formação de professores no Brasil a educação de jovens e adultos - EJA como ilustração**. 2014. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.

PEREIRA, R. et al. **Autonomia na educação: o papel das tecnologias digitais**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Informática na Educação, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2014.

QUEIRÓZ, V. N. et al. **Projeto Escolas Rurais Conectadas: caminhos para construir, colaborar e aprender**. Anais Eletrônicos do VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação, 2015.

RÊSES, Erlando da Silva; CASTRO, Mad´Ana Desirée Ribeiro; BARBOSA, Sebastião Cláudio. **Contribuição do materialismo histórico e dialético para o estudo da EJA**. In: RODRIGUES, Maria Emília de Castro; MACHADO, Maria Margarida (org.). Educação de jovens e adultos trabalhadores: produção de conhecimentos em rede. Curitiba: Appris, 2018. p. 79-102.

RPC PARANÁ. Diretores de 9 colégios estaduais de Curitiba são comunicados sobre encerramento de EJA. **RPC PARANÁ**, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/educacao/noticia/2023/11/14/diretores-de-9-colegios-estaduais-de-curitiba-sao-comunicados-sobre-encerramento-de-eja.ghtml>>. Acesso em: 21 junho 2024.

SANTOS ,A. Educação de Jovens e Adultos no Século XXI - da alfabetização a educação profissional. **Inter-ação**, v. 36, p. 393-412, 2016.

SANTOS, Mariline; MENDES, António. Neoliberalismo em Educação - e quando as 'utopias individuais' não bastam?. **J. Pol. Educ-s**, Curitiba , v. 18, e92026, 2024 . Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-19692024000100310&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-19692024000100310&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 jun. 2024. Epub 08-Abr-

2024. <https://doi.org/10.5380/jpe.v17i0.92026>.

SANTOS, R. S.; GONDIM, S. M. G. **O conceito de autonomia em Paulo Freire.** Em *Aberto*, v.27, n.90, p. 97-108, 2014.